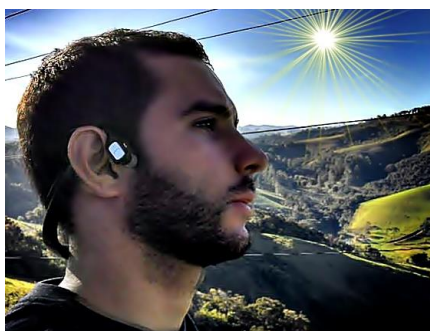


Ⓞ Fantástico Jogo Noturno na misteriosa Ilha do Gavião Negro.



Chefe Osvaldo Ferraz.

“Senhor ensina-me a ser obediente às regras do jogo. Ensina-me a não proferir nem receber elogio imerecido. Ensina-me a ganhar, se me for possível. Mas se eu não puder, acima de tudo, Ensina-me a perder”!



Uiuri Vasconcellos

Prefácio.

Cada dia que passa vemos menos locais propícios para acampamentos e atividades. Cada vez é mais difícil e menos seguro passarmos um tempo com a mãe natureza.

Nesses tempos ditos modernos, é um deleite para a mente e para alma ler uma história que nos lembra de tempos áureos, que não voltam mais. Tempos em que jovens podiam ir para ilhas inóspitas sem medo de não voltarem. Uma época em que as pessoas podiam dedicar mais de sua vida a uma paixão.

Quando lemos os contos do Chefe Osvaldo, nos sentimos como se estibéssemos novamente nesse tempo. Sentimos a grama sob nossos pés, o chapelão sobre nossas cabeças. Lembramo-nos dos fogos de conselho dos acampamentos, das conversas na barraca, da construção de nossos abrigos naturais, dos nossos jogos noturnos...

A cada palavra, a cada capítulo, sentimos a necessidade de viver ao ar livre, só para sentir um pouco do gostinho que nossos personagens preferidos sentiam ao participarem das aventuras narradas.

Agora deixo vocês com mais essa história que tem gostinho de quero mais e nos lembra de como é bom ser escoteiro.

Boa leitura, porque a leitura será com certeza boa!

Um abraço fraterno

Uiuri Vasconcellos



Este livro é dedicado a dois amigos especiais. Celia Regina e Aparecido Carlos Duarte. Uma amizade de mais de 34 anos e que nunca deixou de existir. Dizem que o destino nos reserva surpresa, Celia e Cido foram umas surpresas na minha vida e da minha esposa Celia. Neste período foram tantos fatos que se fizéssemos um livro teria muitas histórias para contar. Já me disseram que amigos são assim, eles entram em nossos corações e nunca mais nos deixam sozinhos.

Prólogo.

Meu quarto livro e pensando no próximo. Adoro escrever. Hoje faz parte da minha vida. Este eu sonhei com ele um dia. Perguntei-me o porquê não escrever um livro com histórias de Escoteiros para Escoteiros? Contar a epopeia ou uma saga ou de um grande jogo? Não um grande jogo qualquer feito por minutos horas ou até um dia inteiro. Sei que dirão que Grandes jogos têm centenas. Mas acredito que este é especial e acho que ninguém nunca sonhou nada igual. Disputado, em uma ilha misteriosa, onde diziam haver fantasmas e realizado em noite escura e sem luar, sabendo que poderiam viver ou morrer.

Ao lerem as páginas verão que só no final toda a trama se desenrola e com um final surpreendente. Pouco mais de sessenta páginas, mas garanto se vocês forem Escoteiros e gostam de grandes desafios esta história será lida até o final. Histórias como estas eu tenho certeza que os Escoteiros gostariam de viver um dia. Quem sabe poderia ser você? O mundo dá muitas voltas...

Não esperem um grande conto, mas quer saber? Ah! Se eu pudesse fazer deste livro um filme. Um filme só para os Escoteiros. Um filme brasileiro mostrando nossas histórias, nossas lendas e nossas vidas. Somos um país enorme, temos muito a mostrar. Histórias de meninos escoteiros sempre são lidas com amor. Esperem que amem esta história. E lembrem-se dela para sempre.

Obrigado por ler meu quarto livro. Ficarei feliz em saber se gostou. Se quiser me escrever ficarei agradecido e honrado com um e-mail seu. elioso@terra.com.br

Personagens:

Escoteiro Montanha da patrulha Puma.

Escoteiro Pequeno Polegar da Patrulha Lobo Cinzento.

Coronel Elias Machado. Vulgo Coronel Lúcifer.

Forte Hã-Hã-Hãe-quibaana.

Padre Nestor

O Senhor Jose de Arimatéia gerente do Curtume São Raimundo.

Patrulha Quati, Monitor Andre Luiz conhecido como Centeralfo.

Patrulha Puma, Monitor Joílson Caetano conhecido como Corredor.

Patrulha Falcão Monitor Mario Estevam conhecido como Sinaleiro

Patrulha Lobo Cinzento. Monitor José do Patrocínio conhecido como Professor.

Nemo Chefe da tropa escoteira.

Amelinha esposa do Chefe Nemo.

Chefe Tadeu Diretor Técnico do Grupo.

Grupo Escoteiro Duque de Caxias de Ribeirão Vermelho.

Marcus Silveira vulgo Calango, Escoteiro Sênior.

Pedro Gardelli vulgo Goiabada Escoteiro Sênior.

Patrulhas seniores: Dedo de Deus, pico da Neblina e Lagoa dos Mares.

Chefe Euclides da Marcenaria Esmeralda.

Dona Marli esposa do Chefe Euclides.

Chefe Tauber. Antigo Chefe Sênior que mudou de cidade.

Coronel Tibúrcio. Um contador de histórias.



“Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência”.

O Fantástico Jogo Noturno na misteriosa Ilha do Gavião Negro.

Capítulo I Um homem chamado Nemo.

Comentam todos os historiadores que o significado de História vem do grego “historie”. Significa conhecimento através da investigação. Comentam também que Lendas são narrativas transmitidas oralmente pelas pessoas visando explicar casos misteriosos ou sobrenaturais. Podem ser fatos reais ou imaginários ou mesmo fantasiosos e que vão através do tempo sendo modificadas pelo imaginário popular. As histórias e lendas podem ser lógicas ou ilógicas depende de quem escreve e de quem lê. A mente de um contista ou escritor muda de um lado para outro na medida em que vai escrevendo e transmitindo o que na sua interpretação seria o objetivo da história ou lenda. Esta que vou contar pode ser uma história ou uma lenda, que os leitores interpretem como acharem válido. Tudo começou na Fazenda do Coronel Tibúrcio em uma visita que fazia questão de anualmente passar por lá. Nas noites de inverno o imponente Coronel De barbas longas e brancas, sem tirar o chapéu de couro da cabeça, sentava em sua cadeira de balanço e com um cachimbo apagado sempre nos contava lindas histórias que para muitos eram lendas. Tinha o dom natural dos bons contadores de história e nunca nos deixava fora do contexto quase nos obrigando a prestar a maior atenção. Ficávamos hipnotizados com os olhos e os ouvidos sedentos como a beber a água pura da fonte. Um néctar dos deuses assim dizia. Eu estive lá há alguns anos. Ele me contou esta história. Inverossímil? Acredite quem quiser. Lenda ou história não importa. Vou contá-la nos conformes sem mudar nada. Sentem-se em seus bancos toscos ou na grama, coloquem algumas achas na fogueira e façam com que as fagulhas se misturem com os astros do firmamento no céu. Embrulhem-se em suas mantas e se prepararem. O orvalho vai cair e as estrelas mudarão de lugar, no entanto a história eu tenho certeza ficarão guardadas para sempre no coração de cada um.

Chefe Nemo era um idealista. Ele adorava o escotismo e dizia para todos que era o grande amor de sua vida. Por ele ser solteiro todos seus amigos sabiam que ele dizia a verdade. Tudo que aprendeu praticava. Como Chefe achou que devia dar o exemplo e fazia tudo para ter sua vida regida pela Lei Escoteira. Devorou os livros do fundador e se orgulhava da tropa que colaborava. Aos poucos foi dominando tudo sobre o escotismo. Fez vários

cursos e até se divertiu bastante em alguns deles. Não era nascido em Ribeirão Vermelho. Chegou ali por acaso há uns doze anos passados. Seus pais morreram e ele meio descrente da vida passou a viajar aqui e ali em busca de uma resposta. Quando chegou à cidade ele disse para si próprio – E aqui que vou morar e morrer! Tinha pequenas economias e conheceu Donato, um velho artífice que dizia fazer maravilhas com um pouco de barro. Investigou e viu que não havia nenhuma olaria na cidade. Tinham que trazer tijolos e telhas de Porto Feliz há mais de cem quilômetros. Ribeirão Vermelho não era uma cidade grande. O último censo lhe deu 35.000 habitantes. Donato quando convidado aceitou de pronto. – Olhe sou um homem sem posses. Entro com meu trabalho disse ele. Sócios logo a fábrica prosperou. Cinco anos depois Donato faleceu. Nemo procurou por parentes e não descobriu ninguém. Sua história era desconhecida até pelos seus amigos de boteco. Homem honesto procurou o Lar Santo Antonio e todos os meses depositava a parte que cabia ao seu amigo Donato.

Quando soube que iriam fundar um Grupo Escoteiro se interessou. Lembrava quando garoto ele estava à porta de sua casa e viu estupefato passar em frente dezenas de meninos vestindo calças curtas, um lenço no pescoço e uma mochila as costas. Uma banda os arrastava como se fosse o flautista de Hamelin. Foi atrás e viu quando eles armavam barracas, corriam para todo o lado, davam gritos de turma e se encantou quando levantaram a bandeira Nacional. Queria ser um deles e se não fosse sua mãe buscá-lo tarde da noite ele dormiria lá na grama olhando tudo que faziam. Ficaram quatro dias e partiram. Nemo chorou por vários dias, lembrava que seu coração foi com eles quando partiram. Conversou com Tadeu que era o responsável pela organização e foi aceito prontamente. Tadeu era o Juiz de Menores da cidade e muito bem quisto pela população. Antes de iniciarem fez seu primeiro curso. Foram enfáticos em várias palestras que deviam começar com poucos. Assim foi feito. A tropa em menos de cinco meses estava completa. O Grupo Escoteiro Duque de Caxias cresceu de tal maneira que não havia mais vagas em todas as sessões. Uma lista enorme de espera se formou.

Nos cursos ele prestava atenção a tudo que ensinavam. Como ele era caladão todos os participantes o achavam meio esquisito. Em um deles notou uma jovem em outra patrulha e sem perceber ela mexeu com seu coração. Amelinha era simpática e não se podia dizer que era uma princesa, mas Nemo não a tirou da cabeça em todo o curso. Sem perceber uma química aconteceu entre os dois. No final do curso uma ovação surpresa de todos os participantes – Quando foram se despedir após a foto oficial um dirigente entregou ao Chefe Nemo e a Chefe Amelinha uma aliança trançada em couro negro. Disse que era um par de alianças Escoteiro, pois eles iriam se casar um dia. Para dizer a verdade as alianças trançadas era um trabalho perfeito, muito original feito de maneira magistral pelo Chefe Tamires da cidade de Itaberaba interior da Bahia. Palmas vibrantes foram dadas aos noivos em altos brados. Chefe Nemo e Chefe Amelinha ficaram vermelhos, afinal em tempo algum fizeram entre si declaração de amor.

Ao terminar o curso ela retornou para sua cidade Barra Mansa no interior do Estado do Rio de Janeiro e ele para Ribeirão Vermelho. Dois extremos e ambos sabiam que dificilmente um dia iriam se reencontrar. Logo esqueceram aquela linda amizade feita no curso e depois de duas ou três correspondências elas escassearam. A vida, no entanto nos reserva surpresas. Alguns meses depois eles se encontraram novamente na Avenida Getúlio Vargas próximo a Igreja da Candelária na cidade do Rio de Janeiro. Ele estava de passagem, pois fora até lá fechar um contrato para sua fábrica de Tijolos e telhas com uma empresa especializada e resolveu conhecer a Igreja. Católico fervoroso sabia que iria confessar e comungar naquele sábado se houvesse uma celebração da Santa Missa. Ficaram sentados juntos e ela também comungou. Da igreja foram a um restaurante e de lá a um cinema. Homem de caráter e respeitador a levou de taxi onde ela estava hospedada em casa de sua tia no Bairro de São Cristóvão.

Ele sabia que estava apaixonado. Por correspondência se falaram por vários meses até que um dia foi até lá para pedi-la em casamento. Pretendia se ela aceitasse marcar uma data o mais rápido possível. Como eram longe as duas cidades não dava para ele ficar indo e vindo sempre a Barra Mansa. Apesar de seu aspecto sisudo os pais de Amelinha gostaram muito dele. O casamento foi marcado para daí a três meses. Foi um casamento simples e no mesmo dia voltaram para Ribeirão Vermelho. Pouca coisa mudou na rotina do Chefe Nemo. O escotismo agora era mais alegre, pois Amelinha ficou com Assistente Na Alcateia Bom Pastor e ali também se reencontrou. Ela e Ana Cláudia a Akelá ficaram muito amigas. Parece que foi um santo remédio a participação dela, pois sua dedicação e vontade de aprender a levou logo a ler livros Escoteiros e fazer todos os cursos possíveis. Interessante que a Chefe Amelinha recebeu sua Insígnia da Madeira muito antes dele. Ele ria quando ela falava sobre isto. – Minha querida calma, vamos mais devagar. Não tenho pressa. A tropa vai bem, já estamos na segunda leva de meninos, pois vários já foram para os seniores e alguns já lutam para iniciar o Clã Pioneiro.

O casal vivia um mar de rosas. Quatro meses depois Amelinha ficou grávida, mas não se sabe como ela perdeu o filho. Foi uma tristeza geral. Antes o Chefe Nemo chegava mais cedo em casa e até os monitores na Corte de Honra reclamaram que sua presença não era mais como no passado. Mas filho é filho e como marinheiro de primeira viagem Chefe Nemo ficava o tempo todo a escutar barulhos do seu rebento na barriga de sua mulher. Amelinha riu quando ele disse que ele se menino se chamaria Peter e se fosse menina seria Heather. - Porque Nemo? Ele riu levemente e disse – Querida uma noite estava acampado no Vale das Flores e sonhei com a família de Baden Powell. Você acredita que ele me apresentou em sonhos seus três filhos? Gravei bem estes dois nomes e se você não se importar eles serão os primeiros nomes dos nossos filhos – O que? Ela riu. Vamos ter uma prole? Só se Deus não quiser meu amor. Por um motivo que só Deus tem a explicação Amelinha perdeu o filho com quatro meses. Ele abraçou Amelinha e ambos choraram muito. – Querida ele disse, teremos oportunidade de termos dezenas de filhos – Ele tentava animar Amelinha.

Passaram-se alguns meses. Tudo voltou ao normal. A vida corria bem para o casal. Chefe Nemo era um homem trabalhador. Sempre fora. Tinha um defeito, pois não pensava em ficar rico. Sua fábrica era simples, mas todos gostavam de comprar ali pela qualidade dos materiais fabricados. Fora um mês triste para o Chefe Nemo. Triste porque quatro Escoteiros passaram para seniores. Claro era o objetivo da formação deles, mas ele sempre se sentia assim quando alguns dos jovens passavam para a vida mais adulta. Ele diferente de muitos chefes sempre mantinha contato com eles. Uma vez por mês se encontravam em sua casa, Amelinha fazia questão de oferecer um jantar e as conversas, cantos, lembranças rolavam até tarde da noite. Nunca depois das onze. Os pais não se preocupavam, pois o conheciam e sabiam que eles estavam em boas mãos.

O Grupo Escoteiro crescia a olhos vistos. Era uma grande família e o Tadeu Diretor Técnico era um grande devorador de livros, obcecado por estudos por conta própria sempre tinha na ponta da língua uma resposta. Diferente do Chefe Nemo era baixinho e quem o visse não diria nada sobre seus conhecimentos. Morgana a Akelá era a única que não se enturmava, mas era educada a seu modo. Amelinha nunca reclamou durante o tempo que ambas ficaram juntas. O problema maior estava na Tropa Sênior. Jailson o Chefe Sênior foi embora para a capital e todos estavam empenhados em conseguir alguém para o lugar. Havia muitos interessados, mas pensando bem a vida que levavam não seriam exemplos para uma chefia sênior. Em uma reunião de chefes no início do mês todos foram de acordo a convidar um pai, Senhor Marcondes para ser preparado e quem sabe poderia acertar. Ponderado, parecia saber lidar com jovens daquela idade. Eram mais de quinze e sempre diziam para o Chefe Nemo – Olhe Chefe, onde tiver um sênior tem uma tropa e onde tiver seis seniores tem uma chefia inteira. Ele sabia disto. Foram seus Escoteiros antes.

Todos os meninos escoteiros tinham por ele enorme consideração. A tropa tinha quatro patrulhas sendo duas com sete e duas com oito. Os Quatis, os Pumas, os Falcões e os Lobos Cinzentos eram um orgulho naquele Grupo Escoteiro. Patrulhas que nada ficavam a desejar. Chefe Nemo fazia questão de aplicar corretamente o Sistema de Patrulhas. Não saía um milímetro do método Escoteiro. Tudo para ele era sagrado. Lembrava quando começou com poucos há sete anos. Com os futuros monitores ele ensinou e aprendeu. Os novos monitores substitutos por participarem de uma patrulha bem formada não deixavam nada a desejar. A tropa um dia resolveu votar que os monitores seriam fixos até a passagem para sênior ou se houvesse por qualquer motivo um impedimento ou saíssem do escotismo. Dificilmente isto acontecia. A Corte de Honra sacramentou. Uma vez em um curso quando ele comentou sobre o que o Conselho de Tropa decidiu deu o que falar. - Monitores tem tempo certo para ficar – diziam. Ele nunca se preocupou e nem mudou uma decisão da Corte de Honra. Ou ela devia ser soberana e apoiada, ou melhor, não ter. Estava dando certo? Porque mudar? Ele sabia que podia confiar em cada um e em sua patrulha de um modo especial.

Infelizmente ele se sentia triste por não poder atender a dezenas de pedidos de inscrição. A tropa estava completa e as vagas que abriam nas passagens para seniores eram detalhadas minuciosamente com os chefes da alcateia. A chefia do grupo já estudava a abertura de uma nova tropa de moças e outra de rapazes. Uma ocasião o Doutor Hamilton prefeito da cidade foi até sua fábrica para uma encomenda e comentou sobre isto. – Nemo, todos nós da cidade de Ribeirão Vermelho sabemos o benefício que os Escoteiros trouxeram a esta cidade. Pena que temos tantos meninos sem fazer nada na rua, molecando e tenho receio que um dia possam sair para as drogas. Ainda não tempos aqui e sei que entre alguns moradores tem alguns cidadãos que às escondidas fazem uso. Sabemos que podemos confiar nos Escoteiros. Eu sou prova disto. Fui Escoteiro antes de me mudar para esta cidade. – Nemo olhava para ele preocupado e sempre dizia o mesmo – Chefes, senhor prefeito. Chefes. Tente conversar com uns dez a vinte professores e faça o convite. Eu mesmo encaminho para a direção regional, tenho certeza que eles viram dar os cursos necessários aqui.

O prefeito sabia que era malhar em ferro frio. Ainda havia certa hostilidade para voluntários sem salários. Todos pensavam que eles aproveitavam da organização em benefício de si próprios. Ele mesmo fizera vários convites. A resposta sempre à mesma. O escotismo? Adoro e se pudesse e se tivesse tempo iria ajudar! – Nemo sorria e não dizia nada. Lembrava-se de uma sessão em um curso onde o formador fizera uma discussão em grupo de seis sobre voluntariados. Acho que valeu. No final chegou-se a seguinte conclusão:

- Voluntário é quem, movido por valores de solidariedade e responsabilidade, doa seu tempo, trabalho e talento para ações que beneficiam outras pessoas;
- Em princípio todos podem ser voluntários, não é só quem é especialista em alguma coisa. O que cada um faz pode fazer o bem a alguém. O que conta é a motivação solidária, o desejo de ajudar, o prazer de se sentir útil.
- O voluntário é uma relação humana, rica e solidária. Não é uma atividade fria, racional e impessoal. É contato humano, é relação de pessoa a pessoa, oportunidade para se conquistar novos amigos, intercâmbio e aprendizado. No entanto é uma via de mão dupla: o voluntário doa e recebe. Não tem nada a ver com obrigação, com coisa chata, triste, motivada por sentimento de culpa. Tem de ser uma experiência espontânea, alegre, prazerosa e gratificante. Ele doa sua energia e criatividade, mas ganha em troca contato humano, experiência com pessoas diferentes, oportunidade de viverem outras situações, aprender coisas novas e finalmente a satisfação de se sentir útil.

Nemo conhecia de cor e salteado todos os resultados adquiridos naquela discussão. Mas sabia de antemão que a contribuição do voluntário deveria ser bem articulada com as necessidades e procedimentos da entidade que o recebe e isto não era fácil. Infelizmente ele era de pouca conversa, não tinha muito jeito de convencer pessoas. Muitas vezes quando era anunciado na Igreja Metodista e na Católica que os Escoteiros precisavam de voluntários os que acorriam queriam saber o salário. – Pagam bem? É mensal ou semanal? Falar o que? Precisavam sim de um choque de responsabilidade nos pais e mães dos

meninos. Sem querer eles não ajudavam em quase nada. Em um Conselho de Chefes alguém sugeriu uma Indaba para discutir o tema. Os pais e o Grupo Escoteiro. Ficaram dois dias acampados em São Lourenço. Muitos levaram apostilas e parece que os cinco chefes atuantes chegaram a uma conclusão. Precisavam mostrar para os pais que eles sim eram os beneficiados e não os chefes. Teriam que colocar mais rigor agora quando da admissão e uma serie de providencias foram tomadas para que eles estivessem mais presentes. As visitas nas casas de cada membro foi o início e tiveram grande validade. Uma conversa em família é melhor que uma carta malcriada. Deu certo. Seis pais aceitaram serem treinados e formados para a chefia.

As reuniões de tropa eram sempre animadas e participativas. Pudera, ele fazia questão de consultar a todos. Noventa por cento dos programas de reuniões eram ideias dos jovens os outros dez eram dele. Nunca se preocupou em participar do distrito e região a não ser se convocado para reuniões de praxe. Ele amava os jovens e estes tinham por ele uma consideração muitas vezes maior que seus pais. Os monitores eram bem treinados e os subs acompanhavam sempre os titulares. Acampava sempre com eles a cada dois meses e uma vez por mês faziam uma reunião só deles. A Corte de Honra se reunia ordinariamente todas as primeiras quintas feiras do mês e extraordinariamente quando houvesse necessidade. A maioria dos Escoteiros possuía mais de vinte noites de acampamento. Fazia questão mesmo com o cancelamento das provas de classe no novo programa de deixar a vontade de cada um fazer em dupla sua prova de jornada. Para ele o participante provaria que estaria preparado para qualquer situação. Era como se fosse o máximo a ser alcançado pelo Escoteiro. Era ponto de honra pelo menos a cada dois meses telefonar ou visitar os pais dos jovens da tropa. Muitos eram seus amigos e colaboravam em tudo que pudessem.

Eram todos de família humildes e eles mesmos faziam suas economias para pagar a mensalidade. Chefe Nemo dizia que precisamos ter o necessário e os gastos existiam. Não era nada o que pagavam. Religiosamente ninguém deixava de colaborar. Em uma Corte de Honra o Professor Monitor da patrulha Lobo Cinzento deu uma sugestão: - Chefe, porque não fazemos uma comissão de três monitores ou subs e uma vez por mês fazer uma visita com os comerciantes do bairro? Diríamos que estávamos em campanha para compra de materiais de campo e se ele poderia colaborar. Levaríamos uma lista do que precisamos caso ele pudesse doar alguma coisa. Poderia ser em dinheiro ou material. Não vamos receber nada ou eles entregam no grupo ou alguém da diretoria vai até eles. Chefe Nemo gostou da ideia. Era um grupo Escoteiro simples. Não tinham ainda o sonho da sede própria, pois a prefeitura fez questão de doar por cinquenta anos um salão nos fundos do Colégio São Pedro. Era um ótimo local bem arborizado e gramado. Nos fundos ainda passava um pequeno córrego onde de vez em quando a escoteirada se divertia. Equiparam todas as patrulhas e as três seniores com os materiais de campo, aí incluídos barracas, sapa e vasilhame. Os lobinhos ganharam tudo da lista que a Akelá pediu.

Chefe Nemo não se lembrava de quem tocou no assunto, mas comprou de imediato à sugestão. Achou formidável, pois ultimamente ele andava meio sem ideias e mesmo que o ultimo Grande Jogo tivesse sido um sucesso os Escoteiros esgotaram os comentários. Foi em um Conselho de Tropa que o tema foi levantado. Disseram a ele que não existem conselhos na tropa para os escoteiros, mas ele sempre achou válida uma troca de ideias diretamente com todos. Foi em uma delas que alguém deu uma sugestão de um grande Jogo Noturno, diferente de tudo que foi feito até hoje. Que não ficasse preso a um horário pequeno. Que fosse distante da cidade e não fosse feito em acampamento, pois diversas atividades seriam aplicadas impedindo um bom jogo noturno. Porque não? Disse ele. Ele ficou meses pensando e estudando um bom jogo noturno aplicável a uma tropa de meninos com idade média de 13 anos. Teria que ser um jogo para marcar a todos, pois fora isto eles não diriam nada por ser educados, mas ficariam decepcionados. Levou o tema a Corte de Honra. Pediu que se ouvissem os Escoteiros em reuniões de patrulhas. Quais seriam suas opiniões. Se aprovassem, ele gostaria de ter sugestões. O tema foi discutido em patrulha no sábado de reunião. Quem diria não? Ninguém é claro. Uma aventura desta não é para se jogar fora.

Capitulo II

Uma vida sem desafios não vale a pena ser vivida.

Centeralfo se lembrava do seu passado Escoteiro desde que saíra dos lobos para a tropa. Só havia uma vaga na patrulha Quati as demais estavam completas. Ele chorou muito na passagem. Mesmo que sua trilha foi toda ela cercada de carinhos pelos patrulheiros da Patrulha Quati ele durante muito tempo sentia uma saudade imensa da sua Matilha Verde. Achava que lá os lobos eram mais amigos e a Akelá sempre ajudando. Agora na patrulha ele sabia que tinha de se virar. O Monitor Leôncio sempre a dizer aprenda patrulheiro. Aprenda. Nós aqui aprendemos a fazer fazendo. Seria isto bom? Pelo menos ele aprendeu muitas coisas que até sua mãe elogiava. Aprendeu a arrumar sua cama, aprendeu a passar e lavar sua roupa varria o quintal e sempre com um sorriso quando ela pedia para fazer alguma coisa. Centeralfo com seis meses esqueceu os lobos. Aos poucos dominava com maestria a montagem de um acampamento. Treinou em casa e sempre estava presente nas reuniões de patrulha que eram marcadas em dias fora o da reunião.

Ele como todos os patrulheiros tinham seu livro de memórias. As meninas das Bandeirantes que um ou outro paquerava diziam ser diário. Mas eles orgulhosos preferiam chamar de Livro de Memórias. Tudo ele anotava. Excursões, bivaques, jornadas a pé ou de bicicleta, acampamentos enfim, tudo e nada era postergado. Um dia encontrou com um homem que dizia ter sido Escoteiro e mostrou para ele seu Livro de Memórias. Ficou deslumbrado em saber o que ele fez na sua vida escoteira. Era considerado um grande mateiro. Costumava desafiar quando faziam grandes jogos principalmente naqueles onde

a dedução e malícia estavam presentes. Entende-se malícia era aqueles que conseguiam chegar o mais próximo possível perto de um animal ou ave na floresta. Ele se destacava na observação e técnica em rastejar e caminhar de cócoras. Aos quinze anos Leôncio o Monitor fez sua passagem para a Tropa Sênior. Dizia que estava adorando sua rota sênior. Centeralfo lembrou seus tempos na Alcateia. Quem te viu e quem te vê hoje nem imagina como ele se transformou.

A Patrulha Quati em reunião de patrulha o elegeram como Monitor. Ele aceitou, pois tinha um sonho de um dia ser líder de patrulha. Aprendeu muito com o Chefe Nemo. Aprendeu que não era para empurrar a patrulha, mas ser mais um e caminhar com eles. Aprendeu também que a vez era dos seus patrulheiros e ele sempre seria o último para o almoço, o último para beber água, e o último a dormir. Devia-se ser o primeiro para a alvorada e tratar bem sua turma. Deu-se bem com eles. Os problemas que apareciam na patrulha eram mínimos. Custou quase um ano para conseguir a Eficiência de Campo. Poucos conseguiam. O Chefe Nemo era rigoroso. Mas com que orgulho a patrulha conduziu o Troféu feito de couro Marrom, todo escrito a fogo e sempre levantava o bastão da Patrulha o mais alto possível. - Todos devem ver que conseguimos dizia. Quando Miro Casquinha passou para sênior ele pensou que o próximo seria ele. Será que vou me acostumar com eles? Pensava. Agora a patrulha só pensava no jogo noturno. Sabia que o Chefe Nemo estava preparando há meses. Sabia também que três sêniiores e dois pais estavam ajudando.

Corredor era um bom Monitor. A Patrulha Puma não era a primeira, mas também não era a última. Todos brincavam com eles e puseram um apelido carinhoso da Patrulha dos baixinhos. Nela parecia que a altura era a mesma para todos. Corredor era o mais baixinho. Mas aquela turma era unida. Muito unida. Corredor sempre dizia - Somos e garantimos que um por todos é todos por um, mexeu com um Puma mexeu com todos! Corredor lembrava que a patrulha se envolveu em uma enorme confusão quando se meteu em uma briga no Bairro Santo Antonio. Tudo começou na escola. Montanha o chamou para a briga – Venha Escoteiro covarde. Venha mostrar que é homem como eu. Corredor era pequeno e magro. Sabia que brigar não era próprio dos Escoteiros, mas, por favor, não gostava de levar desaforos para casa e ser chamado de covarde era o fim da picada. Não iria brigar na escola. Combinaram que seria atrás do Campo do Jacaré Futebol Clube. A meninada toda foi para lá. Vinte Escoteiros das outras patrulhas também foram. A briga começou com os dois e terminou com mais de trinta. Nominal o Guarda Escolar pegou-o pelo colarinho e todos fugiram. Ele pagou quem não devia. Cinco dias de suspensão.

O assunto foi parar na Corte de Honra. Ficou restrito ali e todos prometeram manter segredo. Os monitores deram um voto de crédito a Corredor. – Mas chefe, a briga não terminou. Ele vai querer continuar e o senhor sabe não posso ficar correndo sempre. Chefe Nemo não sabia o que fazer. Ele mesmo não admitia quando criança que o chamassem de covarde. – O melhor a fazer é ir a casa dele e conversar com os pais. Os monitores foram contra. – Se o senhor for Chefe, disse Centeralfo, Corredor sempre será visto como um

covarde e “mariquinhas”. Será ridicularizado e ficaremos não só ele como todos os Escoteiros seremos chamados de poltrões e “mulherzinha”. Desculpe Chefe, mas ir à casa dos pais não é solução. Já era tarde o Chefe Nemo disse que continuariam na próxima reunião. Que todos pensassem em uma solução que não fosse descambar para a violência. Chefe Nemo foi para casa, mas Centeralfo, Corredor, Sinaleiro da Falcão e Professor da Patrulha Lobo Cinzento ficaram até mais tarde discutindo.

Eles sabiam que deviam dar uma lição em Montanha. Corredor não era o primeiro. Infelizmente não havia dúvidas só dando uma lição nele iriam resolver a situação. Mandaram um recado escrito pelo Escoteiro Pocahontas que era vizinho de Montanha. Você está intimado a comparecer amanhã, às cinco da tarde (domingo) atrás do Cemitério Verdes Mares para tirarmos a limpo seu apelido de Montanha. Corredor vai estar lá. Toda a tropa também. Se alguém quiser entrar na briga sua e dele fique a vontade. Desta vez seremos todos os Escoteiros do Grupo pronto a tudo. Se não for, será chamado de Covardão e não Montanha. A meninada da cidade ficou sabendo. Às quatro da tarde o campinho de futebol estava lotado. Nunca se viu tanto menino reunido no mesmo local. As meninas apareceram, mas ficaram de longe. Piscadelas somente e mais nada. A Tropa Escoteira chegou unida. Sem uniforme é claro. Mãos limpas não iam usar nada como arma. Esperaram até as seis. Às seis e quinze da tarde já escurecendo Boneco Raivoso da Turma de Montanha chegou para avisar que ele havia tomado a maior surra de seu pai. Ele ficou sabendo da valentia do filho e não gostou. Principalmente quando Dona Rosinha a Diretora da Escola lhe deu o boletim e só tinha notas baixas fora os zeros.

Foi melhor assim disse Corredor. Só espero que ele não ache que com o tempo possa de novo me provocar. A surpresa maior foi no sábado seguinte quando o pai dele o levou até a sede e o fez pedir desculpas pessoalmente a Corredor e a todo o Grupo Escoteiro. No final pediu ao Chefe Tadeu se poderia inscrever seu filho. Demorou dois meses, mas conseguiram uma vaga para Valentão. Ele hoje pertence aos Pumas cujo Monitor era Corredor! Sua patrulha se reunia todas às terças e quintas. Discutiram muito os comentários do Grande Jogo Noturno. Ainda eram somente especulações. Eles tinham dado muitas ideias. Engraxate assistiu a um filme de Ação e viu os tais marines atacar uma base à noite enfrentando toda sorte de perigos. Ele achava que podia ser assim também o jogo. Certeza de como seria e quando seria ninguém sabia. Chefe Nemo matinha a sete chaves a preparação.

Sinaleiro Monitor da Falcão passou uma semana pensando. Ele sabia que sua patrulha era uma das melhores da tropa. Só a Lobo Cinzento era páreo para eles. No último acampamento em um jogo feito durante todo o dia, onde eles tinham de encontrar a tribo perdida na Serra do Macaco sua patrulha surpreendeu. Chegaram a Taba duas horas antes das demais. Na inspeção do dia seguinte ficaram de boca aberta quando Sinaleiro deu um apito e através de bambus a água chegou ao seu campo de patrulha. Aquilo deixou a todos desnorteados. Como ele fez? Ninguém das outras patrulhas percebeu! Bem só podia ser mágica e foi o próprio Sinaleiro que comentou ser ele o Mágico

Mandrake. E ria a valer. Até hoje sua patrulha nada comentou e como foi feito é um assunto secreto. Ficou na memória de todos como a mais linda artimanha e engenhoca de todos os acampamentos realizados. Agora com este jogo que ninguém viu e ninguém sabia como seria a patrulha estava em polvorosa. Assim como as outras Patrulhas eles se encontravam quase todos os dias. Nas reuniões de tropa sempre cutucavam o Chefe Nemo para ver se ele dizia alguma coisa. Mas o Chefe era um túmulo. Não contou e nem contaria a ninguém até o dia em que diria – O jogo já começou – Guerra!

Sinaleiro não fora lobinho. Teve muita sorte quando seu pai o levou ao Grupo. Eles tinham mudado para a cidade quatro meses antes. Ele estava entrando nos onze anos. Uma sorte conseguir uma vaga em dois meses. Dai para Monitor foi um pulo. Sinaleiro era um autêntico líder. Tinha uma vantagem sobre muitos líderes que existem por aí. Sabia liderar e ser liderado. Várias vezes deixou que alguns Escoteiros da patrulha tomassem a frente principalmente se eles conheciam melhor a atividade que seria desenvolvida. Isto fez com que a patrulha adquirisse uma amizade tal que parecia que eles falavam por pensamento. Bastava um olhar e todos sabiam o que fazer e/ou realizar. Foi a primeira que o Chefe Nemo autorizou, claro com a anuência da Corte de Honra a fazer um acampamento só à patrulha. Deu tudo certo. Foi uma beleza de acampamento.

Sinaleiro tinha uma vantagem, lutava para que sua patrulha ficasse sempre em primeiro lugar, mas sempre ajudava aquelas que por um motivo ou outro não iam bem. Quantas vezes em acampamentos ele pedia um voluntário para colaborar na montagem de campo quando alguma patrulha se atrasava. Perito em nós e amarras, ele fazia tudo com perfeição, mas junto com a patrulha. Fez questão que todos treinassem armar três tipos de barracas à noite e com os olhos vendados. Também vendados seus patrulheiros faziam com perfeição mais de trinta nós Escoteiros e de marinheiros. O seu apelido foi dado quando com três meses na tropa ganhou a competição de Transmissão a distancia. Foi o melhor sinaleiro só perdendo no Morse para o Escoteiro Colesterol que mostrou a todos dominar o Morse como ninguém não só com lanternas como também na cigarra.

Sua patrulha era uma das poucas a percorrer cinco quilômetros no Passo Escoteiro (quarenta andando e quarenta correndo) sem se cansar. Muitas vezes ajudou as outras patrulhas nestas técnicas e todos pensavam como ele tinha aprendido tudo isto. Não havia segredos. Se alguém conhecia uma técnica de campo qualquer Sinaleiro pedia para ensiná-lo. Lia com sofreguidão todos os livros Escoteiros que lhe caíam em mãos. Se alguém procurasse quem amava o escotismo e tudo que ele fazia este era Sinaleiro. Agora ele e sua patrulha estavam como todas as outras a meditar discutir e tentar descobrir o Grande Jogo Noturno. – Como seria? Onde seria? Teria surpresas e variantes? A patrulha do Falcão se reunia quase todos os dias. Cada patrulha ele sabia tentava descobrir o indecifrável. Chefe Nemo caladão não dizia nada. Pequerrucho o gordinho da patrulha disse que viu o Chefe Nemo se reunir com o Seu Euclides dono da Marcenaria Esmeralda. Ele nunca fora Escoteiro e o que

conversaram ninguém ficou sabendo. Disse também que Calango e Goiabada da tropa sênior estavam participando das reuniões. A última foi na casa do Seu Euclides.

Professor o Monitor da Patrulha Lobo Cinzento estava preocupado. Achava que a maioria dos escoteiros da tropa estava levando muito a sério este jogo noturno. Sabia muito bem o porquê as patrulhas estavam se movimentando e fazendo reuniões quase todos os dias. Afinal ele e as demais patrulhas tinham um ótimo relacionamento. Foi um mês antes do Jogo Noturno que o Chefe Nemo o apresentou ao Pequeno Polegar. Professor – disse ele – Vai ter que fazer dele um grande escoteiro. Sem problema Chefe. Olhou para Pequeno polegar. Parecia um menininho pequeno magro e quando fosse posto a prova ele sabia que o menino iria chorar. Bem é fazendo e vivendo que se aprende. Jogos de revezamento ele já sabia que iam perder. Mas ele estava preocupado era com a tropa. Até as reuniões estavam ficando insossas e sem graça. Era só a chefia dar um tempo livre e nos cantos de patrulha do pátio em vez de se adestrarem nas tarefas e provas de classe o zunzum era uma só. O Grande Jogo Noturno. Nunca pensou que isto um dia pudesse acontecer. Uma atividade assim prender a todos de curiosidade era demais. Ele era bem considerado na tropa. Achavam-no um erudito ou aquele que desvenda qualquer coisa. Sempre tinha algum Escoteiro atrás dele para tentar ver o que ele sabia. Ele não sabia de nada e sempre dizia – Espere a chefia, ela sabe o que faz. Um simples jogo noturno fazendo isto? E sua Correia de Mateiro? E o seu cordão Verde e Amarelo?

Uma semana antes de decidirem quais seriam as regras e normas do Grande Jogo Noturno o Chefe Nemo pediu se ele podia procurá-lo na Olaria. Os dois apesar da idade eram grandes amigos. Chefe Nemo pediu que ele conversasse com os outros monitores. Estava sentindo que a tropa esqueceu que as atividades continuavam. Não tinha sentido eles ficarem desanimados. A ideia do jogo era para motivar a tropa e não desmotivar. Se continuasse assim ele iria cancelar o jogo. Quem sabe um Conselho de Patrulha e um Conselho de Tropa ajudariam? Professor ficou de trocar ideias com os outros monitores. Ele tentou e pela primeira vez sentiu uma grande preocupação. Os monitores estavam fazendo dele um antigo guia de tropa o que não mais existe. Eles achavam que ele sabia de tudo. Do programa, como seria e onde seria. Aquele porque, como, quando e onde rebatia no seu cérebro de maneira inequívoca, pois ele de nada sabia. Em vez de um jogo divertido parecia que todos queriam uma guerra para vencer. Quando se reuniram na Corte de Honra naquele sábado após as reuniões ele abriu o verbo. Falou até o que não devia. Todos ficaram calados. Afinal o Professor sempre foi correto e fraterno com todos. Sabiam que ele tinha uma só palavra e nunca iria trair os demais amigos das outras patrulhas.

Sentia-se no ar que o vendaval estava se dissipando. Os Escoteiros voltaram a sorrir, a participar com alegria e a aprender fazendo tudo que o Chefe Nemo havia passado aos monitores. Professor sabia que era apenas uma aragem distraída do vendaval que não houve, mas ia haver sem sombra de dúvida no dia do Grande Jogo Noturno. Parecia que agora a primavera voltou às

reuniões novamente. A participação de uma atividade no distrito, mesmo que muitas vezes chatas porque os chefes achavam que os Escoteiros estavam sempre à disposição, e deixavam-nos ao sol do meio dia em formatura que não diziam nada. Porque eles não chamavam os monitores davam às instruções e estes as patrulhas? Professor sabia que era muito novo para sugerir aos adultos. Ele sabia que tinha alguns que se achavam donos das ideias e nunca em tempo algum consultavam a tropa ou aos monitores. Aquele domingo, entretanto prometia. Ouve um entrosamento entre as tropas o que nunca tinha acontecido.

Professor sentiu que o ambiente carregado do jogo noturno prometido estava se dissipando. Bom isto pensou. Naquele sábado durante o jogo de Cruzados X Sarracenos, uma nova adaptação sugerida por Centalfio ele sentiu o quando amava aquela tropa. Sem comentários de sua Patrulha. Ele era o mais antigo Monitor da tropa, pois fora eleito com apenas doze anos. Deste o primeiro dia que entrou que todos o olhavam como se olha um líder a seguir. Toda sua patrulha sentia nele uma força e esta força talvez estivesse na sua inteligência, pois Professor fazia questão dos estudos. Não por ser o primeiro, nada disto. Era ponto de honra para ele aprender tudo que lhe caía às mãos. Só uma vez tirou um oito em geografia. Prometeu a si próprio que isto nunca mais iria acontecer. Seus pais um dia acharam que ele era um superdotado. Engano ele não era nada disto. Recebeu vários conselhos para não se entregar tanto e isto já tinha lhe valido uns enormes óculos com aro de tartaruga. Professor nunca se preocupou com isto. Continuou a ser o melhor da classe e o próprio Colégio Santo Antonio reconhecia que em tempo algum tiveram um aluno como ele.

Professor lembrava o dia que se interessou pelos Escoteiros. Um fato que poucos levam a sério, mas que marcou muito para ele. Um Escoteiro indo para a reunião a sua frente e parou para pegar um pequeno papel de bala. Viu que ele procurou uma lixeira e não encontrou. Tirou do bolso uma sacolinha plástica e colocou lá dentro o papel de bala. Ele ficou intrigado e seguiu o Escoteiro. Na porta da sede havia uma lixeira, o Escoteiro tirou da sacola plástica o papel de bala e o depositou no lugar certo. Incrível pensou o Professor. Ele sabia que na Europa em países mais adiantados se fazia assim, mas aqui no Brasil? Em Ribeirão Vermelho? Se todos os Escoteiros fossem como ele Professor sabia que teria de ser mais um. Procurou o Chefe Tadeu que lhe orientou e explicou tudo que queria saber. No sábado seguinte lá estava ele com seu pai para fazer a inscrição. Demorou dois meses para ter uma vaga e quando surgiu ele rejubilou. Desde o primeiro dia que fora apresentado à tropa e a patrulha Professor sabia que seria Escoteiro para sempre.

Capítulo III

Siga o caminho do sol, ele vai levá-lo ao caminho do sucesso.

Chefe Nemo estava preocupado. Ele já tinha um esboço do jogo, acreditava ter atendido as sugestões das patrulhas, mas onde fazer? Como? Quando? As perguntas não paravam de ser feitas em seu cérebro. Sabia que tinha de dividir. Só não sabia a quem procurar. Sua preocupação era em quem confiar, pois o Jogo Noturno seria diferente, se vazasse perderia a graça. Pelo que ele sabia nunca ninguém tinha feito um assim. Precisava ficar na história da tropa como o maior jogo de todos os tempos. Tinha de ser real. Lembrava quando leu Roosevelt e o que ele pensava sobre jogos. “Creio nos jogos ao ar livre e pouco me importa que sejam jogos brutos ou violentos e que ocasionalmente alguém se machuque. Não simpatizo com o sentimentalismo exagerado que pretende manter os jovens embrulhados em algodão. “Na luta pela vida o homem formado ao ar livre sempre demonstrou ser melhor”. “Quando vocês brincarem jogue duro:- e quando trabalhar trabalhe duro”. Mas não deixem que os jogos e os desportos prejudiquem seus estudos”. Ele não chegaria a tanto, mas queria que fosse um jogo onde os Escoteiros teriam de se virar e pensar como homens feitos. Difícil? Perigoso? Claro que não. Tudo deveria ser planejado para que ninguém sofresse qualquer acidente ou se machucasse.

Chefe Nemo se lembrou do Senhor Euclides. Lembrou que ele era um grande marceneiro e improvisador de construções manuais e rústicas. Ajudava muito os padres e as irmãs quando tinham alguma matéria de trabalhos manuais para os alunos. Ele iria precisar do seu préstimo. Ligou marcando um encontro. Ele não conhecia nada de escotismo e já passava dos seus cinquenta anos. A conversa franca foi excelente. Seu Euclides comprou a ideia e até já pensava em muitas coisas que ele poderia fazer. – O Senhor Euclides disse ao Chefe Nemo que só tinha uma coisa para ele aceitar – Pois não disse Nemo. – Quero ser chamado de Chefe Euclides, posso? Ele riu com gosto. Durante uma semana Chefe Nemo colocou o Chefe Euclides como ele pediu ser chamado de como deveria ser o jogo. O local tinha de ter todas as condições para o jogo. Ele não se lembrava de nenhum e nem o Chefe Euclides. Foram dez dias de reuniões às vezes em sua casa às vezes na casa dele. Dona Marly sua esposa e Amelinha aos poucos foram se tornando amigas. Elas não os influenciavam, pois tinham assuntos e assuntos para comentar. Como seria o jogo foi tomando vulto. Já não tinham mais dúvida. Pequenos detalhes que só depois de ver o local do jogo seriam terminados.

Chefe Nemo na hora do almoço resolveu ir até a sede do grupo Escoteiro. Tinha deixado lá um livro escoteiro novo que comprou e deu de cara com Calango e Goiabada. Dois seniores que foram seus Escoteiros por muitos anos. Ele sabia tudo sobre eles, conhecia seus pais, suas escolas e sabia o que cada um desejava ser quando crescessem. Mesmo nos seniores eles eram grandes amigos. Chefe Nemo sentiu um estalo em sua mente. Eureka! Estes dois caíram do céu. Eles podem me ajudar e sei que não iriam comentar com ninguém. Ele sabia que os dois tinham na lei escoteira seu ideal. – Palavra dada é palavra cumprida! Diziam. Ali mesmo explicou o que estava preparando e planejando. Convidou-os para uma reunião a noite em sua casa. Explicou sobre o Chefe

Euclides e se tudo corresse bem ele poderia deste que aceito por todos os seniores ser o novo Chefe já que eles estavam sem. Participando vocês podem conhecê-lo melhor e mostrar aos outros seniores se ele tem ou não condições de assumir a tropa. Os dois balançaram a cabeça e nada disseram.

Às oito e meia da noite eles chegaram. Foi o Chefe Euclides que os recepcionou. A primeira impressão foi boa. Dizem que a primeira vez a gente não esquece. Se a fisionomia, o aperto de mão e a saudação valessem eles sabiam que o caminho a percorrer seria válido. Esqueceram-se das horas enquanto discutiam as normas e o material necessário para o jogo. No final o Chefe Nemo pediu aos dois seniores que pensassem bem sobre um local onde o jogo poderia ser realizado. Até agora ele e o Chefe Euclides não acharam nenhum. Outra reunião foi marcada para segunda feira. No sábado Chefe Remo sentiu firmeza na tropa. Parecia que eles tinham se esquecido do jogo. Ótimo pensou, assim poderemos programar com mais calma sem nos preocuparmos com o tempo. Na segunda vez que se encontram mais temas foram discutidos e o local continuava às escuras. Passou-se um mês. O Próprio Chefe Nemo estava desistindo do jogo. Sabia que não iria entregar os pontos facilmente, mas sem um bom local ele não iria fazer só para enganar a Tropa. Eles estavam esperando um jogo fenomenal, como nunca visto por ninguém e fazer de qualquer jeito seria uma decepção.

Goiabada gostou do Chefe Euclides. Comentou com Calango que também pensava assim. Ambos eram amigos inseparáveis, pois tinham a mesma idade e os mesmos desejos. Sabiam que um dia iriam se separar ou partir juntos de Ribeirão Vermelho. Era questão de tempo. A cidade não tinha nenhuma estrutura para radicar os jovens profissionalmente. Alguns amigos deles com muito sacrifício trabalhavam no comércio. Um salário mínimo por mês sem possibilidades de crescimento. Eles não ficariam ali nunca. Amavam a cidade e sabiam que quando partissem iriam sentir muitas saudades. Ainda bem que o Grupo Escoteiro absorvia boa parte do tempo em que estavam fora da escola. Calango até podia conseguir algum melhor, pois seu pai trabalhava no Posto de Saúde e sua mãe era faxineira no Grupo Escolar Santo Antonio. Não era muito, mas ele sabia quando a hora chegasse eles fariam tudo para ajudá-lo quando fosse morar na capital, pois eles tinham parentes lá. Goiabada estava em situação pior. Seus pais morreram em um acidente de ônibus e ele foi criado por sua avó. Ela recebia uma pensão que mal dava para os dois sobreviverem.

Calango sempre sonhou em ser advogado. Disseram para ele que lia bem, escrevia bem, sabia interpretar as palavras como poucos e tinha uma bela voz. Lembrava-se do que dissera Roosevelt que devemos manter nossos olhos nas estrelas e os nossos pés na terra. Ele não enganava a si próprio. Sempre fora um Escoteiro responsável ninguém na cidade tinha nada contra ele. Estudava a noite porque o segundo Grau não existia durante o dia. Estranhava tudo isto, pois a maioria dos alunos não trabalhavam e não faziam nada durante o dia. Ele era da Patrulha Pico da Neblina e Goiabada da patrulha Dedo de Deus. A terceira patrulha Pedra do Sino foi iniciada há pouco tempo. Já estavam com cinco seniores todos eles vindo da Tropa Escoteira. Desde que o Chefe Tauber fora

embora para a capital que eles estavam sem chefes. Fazia mais de seis meses. Não perderam nenhum sênior. Os três monitores fizeram um triunvirato e junto com o Conselho de Tropa as reuniões aconteciam. As atividades ao ar livre tiravam de letra. Acampavam muito, faziam grandes jornadas, e nas redondezas ou mesmo até em cidades distantes eles lá estiveram.

Goiabada se encontrou com Calango naquela sexta feira próximo ao areal do Rio Vertente. Havia na beira do rio varias pedras lisas onde as lavadeiras faziam seu trabalho de todos os dias. Eles gostavam da vista. O Rio não era tão largo e ali ambos já tinham dado belos mergulhos. Eles sabiam que era um local perigoso e muitos dos munícipes perderam a vida nas águas calmas e enganadoras do Rio Vertente. Levaram juntas as pastas escolares, pois ali eles tinham sempre boas ideias para fazerem seus deveres escolares. Agora estavam pensando no escotismo. Até hoje ninguém consegue explicar porque Escoteiros gostam de falar de escotismo. Muitos que não participam reclamam deles e não só eles, pois todos do movimento não sabiam falar de outra coisa. Enquanto a turma discutia qual a música que ficou nas paradas, o que seu time predileto fez ou então o filme que estava passando na cidade ou mesmo qual a menina mais bonita eles ficavam discutindo o Tal Baden Powell, barracas, matas, montanhas, sol nascendo e como sempre ficavam sozinhos. Escoteiros com Escoteiros se dão bem. Falam a mesma língua afinal são irmão de sangue ou pelo menos dizem isto.

- O que achou do Chefe Euclides? Perguntou Goiabada. – Não sei me parece um pouco velho para assumir a tropa sênior. Você sabe que de vez em quando saímos para atividades fortes, jornadas e ele já tem uma idade que tenho dúvidas se vai nos acompanhar. Mas parece ser um bom camarada. – Acha que devemos convidá-lo para visitar a tropa em um sábado? Goiabada pensou e não respondeu. Só balançou a cabeça. Calango também ficou calado. Eles olhavam um barqueiro no meio do rio retirando sua rede. Todos os dias as tardes era assim. Muitas vezes a rede ficava cheia de peixes outras vezes quase nenhum. Servicinho “brabo” pensava Calango. Calango era um sonhador. Sempre fora. Ele assistiu há muitos filmes e series na TV onde os advogados mostravam suas qualidades. Ele sabia que não seria fácil passar no vestibular na faculdade de direito. Teria que ser a estadual, pois dificilmente poderia pagar as mensalidades nas outras. De novo seu olhar voltou ao rio e ao pescador. Parecia que a rede estava cheia. Ele sorriu, pois alguém teria o que comer hoje.

Goiabada também estava em silêncio. Ele sabia que era hora da meditação. Ele gostava disto. Encontrou na Biblioteca Publica um livro que estava caído ao chão. Pensou mentalmente a responsabilidade de quem entrou ali retirou o livro e não devolveu ao seu lugar. Coisa feia isto. Sentou próximo a uma mesa grande e leu a capa do livro – “Sete Técnicas de meditação para acalmar a mente”! Começou a ler e desistiu. Dobrou a página e devolveu a prateleira. Durante a semana o nome do livro não saia de sua mente. Precisava ler. Tinha que ler se não ele não esqueceria nunca. Foi lá no dia seguinte. Começou a ler. Adorou o livro. Ele dizia sobre os benefícios oferecidos pela meditação. Ela não encontra limites para quem quer participar. Era uma técnica milenar que ajudava a

disciplinar e acalmar a mente. Era um exercício ótimo para nos ajudar a lidar com as nossas emoções. Insistiu com Calango para ler. Agora quase todas as tardes além da linda vista do areal e do rio, eles tinham oportunidade de meditar. Aprenderam a meditar de olhos abertos, ou vendo uma linda imagem. O rio com suas águas tranquilas era um perfeito repouso.

A tarde estava acabando. Hora de retornar as suas casas e a noite encontrar a patrulha. Prometeram ao Chefe Remo e Euclides não contar a ninguém sobre a programação que eles ajudavam a fazer do Jogo Noturno. Palavra é palavra e os dois seniores sabiam do seu significado. Estava escurecendo quando Calango parou na escadaria que levava a Rua São Justino. Chamou Goiabada e falou – Lembra-se da Ilha do Gavião Negro? Goiabada pensou um pouco e confirmou que lembrava. Quando passaram para seniores alguém sugeriu que a renovação da promessa fosse feita lá. Era enorme. Quase se perderam e isto sem entrar no meio da mata. Achavam que teria bem uns doze quilômetros de largura por uns nove de comprimento. Chegaram lá durante o dia para ver como era e qual o local para que a cerimônia da promessa fosse realizada. Conseguiram um bote emprestado no Curtume São Raimundo. O Senhor Jose de Arimatéia o gerente era pai de um sênior e não se opôs que usassem o bote. Foram em quatro. A cerimônia seria a noite. Precisavam atravessar dezoito Escoteiros seniores e dois pioneiros além do Chefe. Só um bote levariam umas duas horas. Outros seniores se viraram e no dia havia quatro botes a disposição.

Goiabada se emocionou com a cerimônia. Não sabia que existia algum tão bonito e quase chorou. Calango era mais curtido de emoções. Se ele sentia não demonstrava. O Chefe Tauber soube dirigir tudo com perfeição. Foi uma cerimônia marcante. Ao entardecer o sol se pondo, na ponta da ilha do Gavião Negro, abriram uma pequena clareira, rapidamente os seniores construíram uma mesinha que foi forrada com a Bandeira da Tropa, ao lado dobrada a do Brasil, um cálice lindo que parecia de ouro, uma pequena espada de metal. Foi Calango quem disse que isto estava parecendo os rituais que ele lera nas Lendas Arturianas com os Cavaleiros da Távola Redonda. A tropa se formou em ferradura e Gervásio nosso monitor vulgo Tiradentes gritou alto – Chefe! Apresento o Sênior Marcus, vulgo Calango e o Sênior Gardelli, vulto Goiabada que querem pertencer à tropa e prontos para fazer o juramento e renovar a promessa. O Chefe Tauber os mandou aproximarem da mesinha. O Monitor ficou atrás deles com uma tocha acesa. Repitam comigo o juramento da tropa! – “Que todos saibam, hoje e sempre, que prometo por tudo que é sagrado, amar, aceitar e respeitar os meus companheiros da tropa, honrar sua história, morrer se preciso para que seu nome seja conhecido pela coragem e abnegação. Farei prevalecer à verdade, hoje e sempre”!

Neste momento a tropa gritou alto: - Que os ventos do Norte, que os ventos do Sul, que os ventos do Oeste e que os ventos do Leste tragam a todos a chama da liberdade, da honra e da palavra no coração de todos! Nossa! Foi emocionante demais. Mas não parou por aí. Ainda tinha mais. Deram-nos para vestir uma bata vermelha, com um capuz verde e muito emocionados o Chefe

nos mandou ajoelhar com o joelho direito a sua frente. Com a espada de metal ele colocou na cabeça de cada um, depois nos ombros enquanto falava alto: - Bem vindos! Vocês agora pertencem a Tropa Sênior Delta Cephei, como ela é brilhante no céu honrem seu nome por toda a vida. Juntos nós vamos beber na fonte dos deuses o sonho que nunca vai terminar, seremos irmãos para sempre! Nada e nem nunca iremos nos separar. E o Chefe Tauber colocou um pouco de vinho branco na taça e cada um de nós bebeu um pouco. Não deu para esquecer nunca esta cerimônia. Se eu já gostava de escotismo agora muito mais. Sei que são palavras ao vento que todos dizem – Uma vez Escoteiro sempre Escoteiro, mas eu serei mesmo um Escoteiro até morrer!

Calango deu um cutucão em Goiabada. Acorde meu amigo, parece estar dormindo em pé! Goiabada riu baixinho. – Calango meu amigo a gente que tem o escotismo preso dentro de nós, temos coisas fortes, emoções fortes que ficam guardadas para sempre em nossos corações. – Não estou entendendo você Goiabada – Simples, estou lembrando quando fomos à Ilha do Gavião Negro pela primeira vez. Primeira e única – Calando riu baixinho. – E quem esquece meu amigo? Quem? Uma cerimônia como aquela não é para esquecer nunca. Ficaram calados por alguns instantes. A mente viajando no espaço para um passado não tão distante. Fazia um ano e meio que fizeram a passagem. Pareciam reviver a cada momento. Goiabada sabia que um dia aquilo ia terminar. Seus olhos ficaram húmidos. Seria a vida feita assim? Hoje feliz e o amanhã? Ele não sabia qual poeta escreveu que os sonhos não determinam o lugar onde nós iremos chegar, mas produzem a força necessária para tirarmos do lugar em que estamos. Sonhar com as estrelas para que possamos pisar pelo menos na lua. Sonhar com a lua para que possamos pisar pelo menos nos altos montes. Sonhar com os altos montes para que possamos ter dignidade quando atravessarmos os vales das perdas e das frustrações. Era bonito isto.

Goiabada sabia que Calando era seu maior amigo. Sabia que seria seu amigo para sempre. Tudo que fizeram foi a dois, quando ficaram em patrulhas diferentes nos seniores quase saíram. Não dava, nenhum ia competir com o outro. Um novato aceitou a troca e ambos ficaram juntos como quando eram Escoteiros. Ele tinha medo de que um dia fossem se separar. Podia até ser verdade, mas ele acreditava nas palavras de Chaplin que dizia que por mais voltas que o mundo dê um dia nós iremos nos encontrar em algum ponto. Um ponto pacífico, onde estaremos falando a mesma língua, bebendo o mesmo vinho, contando nossas histórias e rindo, um riso leve e sincero. “Assim, estaremos prontos para percorrer juntos este longo caminho; em que simplesmente falamos de nossos dias, vendo o futuro com olhos livres”. Ele gostava de ler na biblioteca frases assim. Sua cabeça não tão inteligente como a de Calango se esforçava para mostrar ao amigo que ele podia aprender.

Calango meditava também a “escoteira”. A tarde estava linda. Como dizia a linda canção do Clã, um rio tranquilo que canta e que chora corria com suas águas límpidas brilhantes e serenas em direção do mar. Quanto tempo para chegar lá? Aceitaria sem pestanejar deixar sua água doce se misturar com salgada e desaparecer? Deu uma vontade tremenda em Calango de fazer uma

jangada, colocar nela uma tralha escoteira, um farnel supimpa e partir numa grande aventura descendo o rio até encontrarem o mar. Ah! Como é doce o final do dia! Tantas coisas a borbulhar em nossa mente. Calango não pensava muito no futuro ele sempre achou que o que tinha de ser será. Goiabada não, ele sempre achou que cada um faz seu próprio destino. De novo sua mente lia nas páginas da vida o que Roosevelt escreveu: - Se fracassar, ao menos fracasse ousando grandes feitos, de modo que a sua postura não seja nunca a dessas almas frias e tímidas que não conhecem nem a vitória nem a derrota.

Na Igrejinha da Matriz ouviam-se as primeiras badaladas da hora da Ave Maria. Seis horas já com o sol se pondo no horizonte. Ave Maria, cheia de graça... Calango acreditava em Deus mais que tudo. Nunca reclamou dele, pois sabia que tinha o suficiente para sua alegria e conviver com Goiabada um amigo para sempre. Não precisavam de mais. Sabia que nesta hora o Padre Nestor estava fazendo seu ritual de todos os dias. Ele insistia mesmo já bem velhinho de puxar a corda do sino que o levantava e abaixava numa sucessão de vai e vem, com uma alegria que muitos habitantes religiosos iam lá só para ver. Era a hora em que toda a cidade ficava silenciosa. Um a um homens, mulheres e crianças de todas as idades se benziavam com o sinal-da-cruz, alguns se ajoelhando e outros tiravam o chapéu. Nesta hora as conversas cessam os olhares piedosos ficam jogados ao chão, num típico sinal de fervor católico. Ribeirão Vermelho era uma cidade com fé católica. Cidade pacata, onde a maioria dos habitantes ainda morava na roça e aos domingos um exame de bicicletas e charretes faziam da cidade um revoar de borboletas. Moças e senhoras com seus vestidos de chita de todas as cores, sentadas bem comportadas na garupa indo direto para a igreja. Depois da missa porque não um passeio na Praça de Santo Antonio? Moças andando a direita, rapazes ao contrário à esquerda. Olhares maliciosos, olhares sonhadores e olhares apaixonados.

A maioria dos habitantes ainda seguiam os jejuns e as penitências recomendadas pelo Padre Nestor. Nos dias santos a cidade ficava em festa. O Congado e a Folia de Reis eram imperdíveis. Naqueles dias festivos ninguém se preocupava ou reclamava dos sinos que tocavam insistentemente a cada quinze minutos vinte e quatro horas por dia. Era gostoso esta boa ação. Os Escoteiros e os seniores adoravam. O salão onde ficava a corda do sino se enchia de lobinhos, escoteiros e meninos a gritar e bater palmas quando o sino tocava pelas mãos de um Escoteiro. Goiabada estava com os olhos cheio d'água. Estavam ambos sentados no último degrau da escadaria ainda a olhar para o Rio Formoso. Porque o chamam assim? Pensavam. Quantos pescadores não conseguem pescar seu alforje que lhe dariam o sustento do dia? Mas era um rio feliz e bonito sim. Ao banhar a cidade de Ribeirão Vermelho ele era sereno e tranquilo. As lavadeiras podiam brincar com os pés na água e contarem seus "miúdos" que ouviam na casa de suas patroas. Outras adoravam cantar quando batiam com força reduzida um cobertor ou um lençol na pedra rala e ela se pudesse falar diria que não deviam parar nunca.

Ei amigo! Marcamos com o Chefe Remo hoje às oito está lembrado? Goiabada sorriu. Goiabada sempre sorria. Alma boa deste menino homem. Num pulo saíram a correr pela Rua de Santa Genoveva. Quantas ruas com nome de santo tinha Ribeirão Vermelho? E porque Ribeirão Vermelho e não Santo Antonio, São Paulo, São Benedito? – Vá saber! Calango saiu em disparada atrás dele. A noite já cobria toda a cidade que em paz vivia mais um dia que terminava. Cada um virou sua esquina e sabiam que as oito em ponto iriam bater na porta da Casa do Chefe Remo. Horário Inglês dizia o Chefe Tauber que se foi para a capital. O que seria isto? Eles pensavam. Horário Inglês? Não devia ser horário brasileiro? Goiabada prometeu a si mesmo ver no dicionário no dia seguinte o que seria. Quem sabe Baden-Powell é quem criou este tal horário Inglês? Nem deu tempo para jantar, sua mãe reclamou, mas guardou sua janta no forno do fogão de pó de serra. Dava trabalho. Toda manhã Goiabada levantava mais cedo. Compravam o pó de serra de Seu Arlindo. Ele tinha uma carroça e ia longe até a serraria do Polaco. Polaco? Nome esquisito. Diziam que ele veio do estrangeiro correndo da guerra.

Capitulo IV

Boas amizades não tem preço.

Chegaram juntos ao portão da casa do Chefe Remo. Ambos respirando forte. Corridas fazem bem a rapaziada. Eles riram um para o outro – Horário Inglês? Perguntou goiabada – Horário Inglês! Respondeu Calango. Ambos subiram os quatro degraus que levava a varanda devagar. Como a pisar em ovos. Treino de anos e anos andando em florestas para não afugentar os animais. Não adiantou. Amelinha abriu a porta com um sorriso. Eles adoravam Amelinha, não porque era esposa do Chefe Remo, mas porque era uma simpatia de mulher. Nunca a viram fechar a cara, ficar com raiva ou não dar um sorriso deste para um lobinho ou até um pai velhote de algum sênior. – Bem vindos ela disse. – Goiabada, sabia que vinha e fiz seu pão-de-ló como você gosta. Goiabada sorriu. Adorava o pão-de-ló que ela fazia. Era bom demais. Obrigado Chefe Amelinha. – E eu? Perguntou Calango? – Você? Você nunca disse nada. Calango riu. Tinha a tal boca-boca. Tudo que caia nela sendo comida era bem vinda.

Chefe Euclides ainda não havia chegado. Chefe Amelinha disse que eles ficassem a vontade. O Chefe Nemo estava no banho. Hoje tiveram visitando sua olaria dois engenheiros que irão construir um edifício em Santos Dumont querem fechar um contrato e olhe que é coisa grande. Ele teve que ficar até mais tarde. Mas logo vai descer. Calango e Goiabada se sentiam em casa. Logo pegaram o LP do Trio Irakitan com músicas escoteiras e colocaram para tocar na Vitrola do Chefe. Sentaram na poltrona e ali ficaram a ouvir por algum tempo. Abriram os olhos e viram o Chefe Euclides adentrando. Logo o Chefe Nemo também chegou. Todos foram para o Escritório do Chefe Nemo. Ele fazia questão de ter um com uma mesa para mais de oito participantes. Fizeram uma oração e o Chefe Nemo contou as novidades do programa que ele pensou do

jogo. Todos ouviram pacientes. Se tudo desse certo seria o maior jogo de todos os tempos. Era espetacular! O Chefe Nemo foi feliz na programação. Parecia não esquecer nada, mas ele sabia que havia muita coisa ainda por fazer.

Só após os preliminares e explicações do Chefe Nemo que Calango comentou ter achado o local perfeito para o jogo. A Ilha do Gavião Negro. Chefe Nemo ficou pensativo. Sabia da ilha, mas nunca fora lá. Chefe Euclides conhecia. Disse que há muitos anos fizeram uma peregrinação lá com os Vicentinos. Ficaram pouco tempo e mais próximo à prainha. Nunca se adentrou selva adentro e nem sabia suas dimensões. Chefe, disse Goiabada se quiser vamos à prefeitura saber se eles tem algum mapa ou um croqui de lá. Precisamos saber a quem ela pertence. A ideia foi aprovada. Se a Ilha tivesse as condições a programação estava pronta. Era só preparar o terreno e tudo mais para o desenvolvimento do Grande Jogo Noturno. Goiabada convidou o Chefe Euclides para ir ao próximo sábado visitar o Grupo Escoteiro. Ele seria apresentado ao Chefe Tadeu e quem sabe seria convidado para ser nosso Chefe? Chefe Euclides riu. Ele já matutava a ideia de entrar para os Escoteiros. Agora que já o chamavam de Chefe seria um pulo para ser mais um.

A reunião não foi longa. Chefe Euclides convidou os quatro para uma rodada dos Escravos de Jó. Eram bambas os quatro no jogo. Riam a vontade quando um errava. Chefe Nemo sempre fazia o jogo com toda a tropa. Usavam os bastões. Quase sempre tinha de interromper o jogo, pois ninguém errava. Foram para a varanda comer os quitutes que a Chefe Amelinha fez. – Olha, estou amando este jogo. Quero participar na chefia e já disse ao Remo! Serás bem vinda Amelinha, disse o Chefe Euclides. Quinta feira era o dia que a patrulha se reunia na sede para discutir o programa do mês. Eram nove e meia e eles ainda deviam estar lá. Goiabada havia explicado que eles estavam ajudando o Chefe Nemo a preparar um grande jogo. Todos queriam saber como seria, mas eles prometeram segredo. Não podiam contar a ninguém. Na hora certa todos iriam saber.

No sábado as duas tropas estavam em reunião. A Alcateia também. Chefe Euclides ficou todo o tempo junto ao Chefe Tadeu. Os dois se tornaram grandes amigos, pois já se conheciam ha tempos. No final da reunião o Chefe Euclides foi apresentado ao grupo. Uma forte palma escoteira ecoou. Ainda não foi anunciado como o novo Chefe Sênior. Precisava ter o aval deles e isto o Chefe Tadeu fazia questão o que era o certo. Pediu que a tropa sênior ficasse mais uns vinte minutos depois do horário. Não precisou muito tempo. Os seniores já haviam sido avisados da possibilidade por Goiabada e Calango. Como sempre ele foi jogado pelo ar e gritou de medo. Todos riam a valer. – Seu batismo Chefe! E olhe, isto é só o começo disse Cafuné o sênior mais antigo. Nascia ali uma amizade que iria perdurar por muitos e muitos anos. Chefe Nemo pediu a Goiabada, Calando e Chefe Euclides para trocarem uma ideia com ele ali mesmo. Coisa pouca de uns dez minutos.

Escotismo é interessante. Muitos dizem que a participação é mínima. – Apenas duas horas por semana! Duas horas? Só rindo. Experimentem ver em

um Grupo Escoteiro se é assim mesmo. Nem pensar, ninguém vai embora quando termina a reunião. Claro se tem pais esperando é diferente, mas se não ficam sempre até fechar a porta da sede. E ainda tem aqueles que ficam na calçada jogando conversa fora. Reuniram-se na sala da sede. Chefe Nemo perguntou a todos se podiam faltar um fim de semana. Precisaria deles para fazer uma exploração da ilha. Ele sabia que não ia ser fácil, mas pelo menos três ou quatro fins de semana seria necessário. Principalmente se a ilha servisse. Ele mesmo ia convocar uma Corte de Honra e com os monitores fazer quatro programas no caso dele não poder participar da reunião. Goiabada e Calango disse que se arranjariam com sua patrulha. Eram grandes amigos e eles iriam compreender. Tudo certo no proximo sábado pela manhã eles iriam fazer a primeira exploração da ilha. Goiabada ficou responsável pelo bote. Iria à semana pedir ao senhor José de Arimatéia do curtume São Raimundo. Ele era gente boa e não iria negar.

Não houve senão e não. O bote estava à disposição quando quisessem. Nada como contar com amigos só por ter sido Escoteiro no passado. – Amigos e irmãos de sangue sempre se ajudam não? Disse o senhor José de Arimatéia. Na quarta na reunião na casa do Chefe Nemo tudo foi discutido. Cada um levaria um pouco do cardápio. Deveria ser simples para que um caldeirão e uma panela bastassem. Iriam se encontrar no curtume no sábado pela manhã. No mais tardar as nove. Cada um devia levar um lanche para almoço para não atrasar. Quase não foram. O Chefe Nemo teve uma surpresa. A maior surpresa que um homem pode ter na vida. Amelinha disse a ele que estava grávida pela segunda vez. Chefe Nemo ficou preocupado. Afinal fazia menos de seis meses que eles perderam um filho com quatro meses. Ele sabia que a chegada de um rebento sempre é bem vinda. Sempre esperada e mesmo assim é uma surpresa quando se fica sabendo. Todo homem vive varias emoções quando fica sabendo que vai ser pai. Se for como Nemo então a felicidade é em dobro. Ele sempre esperava esta notícia, nunca cobrou nada de Amelinha. Agora ele vibrava, estava orgulho e feliz. Ele não era daqueles que só queria ter um filho homem, nada disto. Mas prometeu a si mesmo que daria a ela tudo que precisasse para que não perdessem novamente o filho tão esperado. Ele já tinha dito a ela que não importava mesmo se seria menino ou menina.

Agora a responsabilidade seria outra. Pensou em cancelar o Grande Jogo Noturno. Achou que precisava ficar ao seu lado. Riu quando viu que ela ria também – Foi ela quem perguntou se o nome dos filhos seriam os mesmos. – Claro meu amor, ou Heather ou Peter. Afinal não foi Baden-Powell quem me contou? Amelinha sabia da programação que eles faziam para o grande jogo. Foi sincera quando disse que ele não parasse tudo por causa dela. A esposa do Chefe Euclides se comprometeu a dormir em sua casa sempre que precisasse e em todos os fins de semana que eles fossem para a Ilha do Gavião Negro. Resolveu prosseguir com o programa que tinha feito. Era uma época sem celular, mas ele conversou muito com o Chefe Tadeu. Pediu a ele quando ele estivesse fora que passasse sempre em sua casa. Se ele ao menos desconfiasse que Amelinha estivesse passando mal que ele fizesse tudo para entrar em contato. Pediu confidencialidade de onde estavam. Ele poderia atravessar o rio e

levar uma trombeta, ou melhor, o Chifre do Kudu que ele manuseava perfeitamente. Um S.O.S. Qualquer sinal e ele saberia o que fazer. Chefe Tadeu riu e disse a ele: – Fique tranquilo meu amigo, ela está no segundo mês, não vai acontecer nada.

No sábado pela manhã se encontraram no Curtume São Raimundo. A alegria do senhor José de Arimatéia era contagiante. Afinal ele conseguiu apertar a mão do Chefe Remo. Sempre desejou conhecê-lo. Conversaram por pouco tempo. Eles tinham uma enorme programação para cumprir. Goiabada e Calango eram mestres no remo. Em menos de quinze minutos apoitaram no lado esquerdo da ilha. Era enorme. Chefe Remo ficou impressionado. Parecia ser o local ideal, mas será que conseguiriam montar ali tudo que o jogo iria pedir? Eles já tinham combinado. Iriam mapear a ilha. Cada um remou sua parte para dar a volta na ilha. Chefe Remo anotava tudo. Levou uma Silva e uma prismática. Demoraram quatro horas para dar a volta e terminar o mapeamento. Foi fácil escolher o ponto de partida de cada patrulha. Distantes mais de quatro quilômetros uma da outra. Duas saíam do lado Norte e duas do Lado Sul. As duas do lado sul iriam ter de percorrer uma distância maior. Teriam que ir de bicicleta até a Fazenda do Epaminondas e do Sítio Sacopemba da Professora Luzinete do outro lado do rio. O Chefe Remo se encarregaria de pedir a eles que guardassem as bicicletas. Para chegar lá teriam que ir até a Ponte dos Queimados na BR-143. Andariam bem uns quinze quilômetros. Mas o programa previa isto.

O bom do local era que nenhuma patrulha partiria do mesmo ponto. Cada uma ficaria no início do jogo pelo menos quatro quilômetros uma da outra. Viram também que o braço do rio a atravessar era quase idêntico um do outro. Não mais que sessenta metros. Agora era conhecer o interior da ilha. Teriam que abrir quatro picadas, todas elas incompletas para dificultar aos patrulheiros acharem com facilidade o caminho, pois muitas surpresas seriam montadas. Embrenharam-se na floresta e viram que ela não era tão difícil de caminhar. Já estavam construindo a primeira trilha. Faziam a picada por cem metros e mais outros cinquenta em mata virgem. Chefe Nemo calculou que de um lado ao outro da ilha seria mais ou menos dez mil metros. Marcou no passo escoteiro a quilometragem. O centro onde seria montada a final deveria ficar bem no meio da ilha. Chegaram próximo a duas enormes pedras e embaixo delas um descampado. Teria pelo menos uns duzentos e cinquenta metros quadrados. Beleza! O local ideal para uma final. Já estava escurecendo quando chegaram. Com as duas lonas fizeram uma cobertura entre duas árvores para passarem a noite. Chefe Euclides se prontificou a fazer o jantar. Goiabada e Calango foram explorar os arredores e acharam uma nascente. A água era excelente. Encheram os cantis e voltaram para o acampamento com os braços cheios de madeira seca.

Estavam cansados e dormiram cedo. No dia seguinte levantaram as seis e após o café iniciaram a picada dois. Outra para a patrulha que fosse sorteada naquele ponto. Não foi fácil. Mais de duas horas para chegar ao rio. Voltaram mais facilmente. Ao meio dia começaram a fazer a picada três. Não

terminariam naquele dia. Só as quatro voltaram ao ponto de reunião. Fizeram ali mesmo uma pequena reunião. Analisaram o que fizeram e o que tinham de fazer. Por enquanto foi fácil. A parte II seria a mais trabalhosa Melhor voltar. Combinaram de um fim de semana sim e outro não para voltarem novamente a Ilha do Gavião Negro. – Interessante pensou o Chefe Remo, não vi nenhum Gavião na ilha. Onde eles estariam? Porque o nome? Precisava investigar. Às sete da noite apoitaram o barco atrás do curtume. Chefe Nemo ficou de passar lá na segunda para agradecer. Chegou à casa preocupado, mas satisfeito com o início da preparação do Grande Jogo Noturno. Teria que ser um sucesso. Ele não sabia se alguém um dia se preparou tanto para fazer um grande jogo de mais de dezesseis horas durante o dia e a noite. Se desse certo o Grande Jogo entraria para a história se desse errado ele sabia que não seria perdoado.

Chefe Euclides chegou cansado. Dona Marly sua esposa o esperava com um sorriso nos lábios – Como foi tudo? Perguntou. – Acho que vamos conseguir. Vai ser difícil. Teremos que sacrificar mais uns três ou quatro fim de semana para terminar. Chefe Euclides olhou bem no fundo dos olhos de sua esposa. Eles quase não se falavam. No ano anterior faltou pouco para uma separação. Quase. Nada estava dando certo. A marcenaria ia bem, mas o amor entre os dois parecia que estava terminando. Chefe Euclides era um homem calmo. Falava pouco. Mas mesmo assim ele perdeu a paciência diversas vezes com Marly. Ela para dizer a verdade não tinha culpa. Estavam casados há mais de cinco anos. Durante este período tentaram tudo para terem um filho. Não adiantou. Chefe Euclides sonhava em ter um filho. Se fosse um menino homem melhor, mas se viesse uma menina ele não se importaria. Talvez por ser impossível lhe dar o filho sonhado, Marly achava que seu casamento acabou. Ela vivia triste, chorosa e calada. Ela mesmo quase não falava com ele. Nunca esqueceu suas obrigações de esposa, mas só isto não resolve para que um casamento desse certo.

Ambos eram muito religiosos. Nas confissões não deixavam de comentar com o Padre Nestor o que estavam passando. Interessante que o padre Nestor mesmo para sua idade era muito ponderado. Chegara à cidade a mais de quarenta anos e sabia que todos o apreciavam. Suas missas lotavam a igreja de fieis. Sempre deu bons conselhos a cada um, mas quando já temos uma ideia formada não é fácil mudar. Dizem por aí que se conselho fosse bom teria um bom preço. Várias vezes o Padre Nestor foi à casa dos seus fieis. Bem recebido, jantava ou almoçava e tudo continuava como “dantes”. O escotismo para o Chefe Euclides foi uma válvula de escape. Sua mente clareou e ele achava que podia mudar também sua esposa. Marly não disse nada quando ele a convidou a participar do Grupo Escoteiro. Ela não entendia nada, só tinha o quarto ano e pensar que poderia ensinar meninos ela se perdia toda. Os tempos sempre mudam nosso pensamento e nada melhor que o travesseiro para pensar.

Ele sabia que a Alcateia iria fazer um acantonamento na semana seguinte. Conversou com a Akelá Ana Claudia e ela bastante simpática foi pessoalmente a sua casa fazer o convite. Dona Marly ficou sem graça e não teve saída, aceitou. Foi uma injeção de ânimo. Naquele sitio calmo, um lindo bosque gramado, uma

linda cachoeira foi como um bálsamo para Dona Marly. Convidada como assistente aceitou de pronto. Dizem que muitas vezes a família participante no escotismo gera insatisfações e discussões. Mas tem muitos casos que são a solução para problemas familiares insolúveis. Dona Marly sabia que não poderia ter filhos. Conversou um dia calmamente com o Chefe Euclides para ambos verem a possibilidade de adotar uma criança. Chefe Euclides nunca havia pensado nisto, mas porque não? Como encontrar a criança perfeita, claro se existir uma criança perfeita para ser adotada? O Padre Nestor prometeu ajudar. Conseguiu um panfleto de adoção que ensinava como adotar. Os dez passos para fazer uma adoção. Leram com atenção e deram os primeiros passos.

O Chefe Euclides e Dona Marly acharam os itens muito complicados, mas não desistiram. Tomaram as providências necessárias. Agora era esperar e continuar a rotina de suas vidas. Vidas que mudou da água para o vinho. Pareciam dois casais novos e vê-los aos sábados de uniforme no Grupo Escoteiro Duque de Caxias ninguém diria que um dia pensavam em separar-se. Os quatro organizadores do Grande Jogo deram uma pequena pausa na montagem devido à programação do grupo que não podia ser cancelada. Goiabada e Calango avisaram que no sábado seguinte teriam uma jornada de bicicleta até a cidade de Brancas Nuvens. Fazia anos que não voltaram lá e os Escoteiros que conheceram naquela época se tornaram seniores e insistiam na presença deles. - Chefe Euclides, disse Goiabada. Tem certeza que quer ir conosco? – Claro! Porque não? – Bem Chefe, são oitenta quilômetros de bicicleta, será que o senhor vai aguentar? Chefe Euclides deu uma risada, ora meus amigos ou sou Chefe ou não sou. Mas se alguns de vocês passarem mal podem deixar comigo. Sei como trazê-los de volta são e salvo. E riu a valer. Bem cada um sabe onde o calo aperta. Com aquela barriga todos os seniores ficaram em dúvida. Mas no final deram os parabéns ao Chefe. A amizade entre eles começava a nascer e crescer.

Capítulo V

Viver uma aventura é viver para sempre.

Chefe Remo na reunião perguntou aos monitores se queriam fazer o programa do Bivaque programado no início do ano ou preferiam que a jornada fosse livre, sem programa fixo. À medida que fosse caminhando decidiriam o que fazer. Centalfio concordou. Corredor também. Sinaleiro ficou pensativo, mas concordou. Professor argumentou que seria melhor consultarem as patrulhas. Dava tempo, pois a reunião ainda estava em andamento. – Perfeito Professor, bem pensado disse o Chefe Remo. Têm quinze minutos para isto. É tempo suficiente? A jornada foi realizada e foi um sucesso. Vinte e três quilômetros em dois dias. Na volta vieram de ônibus de carreira. Parecia que a tropa tinha se esquecido do Grande Jogo Noturno. Ninguém falava mais nada.

Naquela quinta à noite Centeralfo, Corredor, Sinaleiro e Professor estavam na Praça da Igreja local onde semanalmente se encontravam. Quatro monitores que podiam ser considerados irmãos. Para eles nunca houve ciúmes, discussões inúteis nas centenas de jogos que fizeram. Tinham como lema “Que vençam o melhor”. E quem era melhor? Sem dúvida quem venceu o jogo ou ganhou a eficiência prometida.

Centeralfo tinha perguntado no dia anterior ao Professor se o Orelhudo estaria pronto para uma jornada com o Cabeçudo da sua patrulha. Precisava de um companheiro para programar com o Chefe Remo a jornada dele. Professor disse que ia conversar com Orelhudo. Ali na praça com a patrulha reunida viram a Camélia passar. Ficaram em silêncio. Camélia era linda. Disputada pela rapaziada. Ia fazer quatorze anos, uma morena para ninguém botar defeito. Dissera no Colégio das Irmãs que nunca namoraria um Escoteiro. Namorar? Ela dizia, eles preferem suas patrulhas e a gente fica sozinha a espera de quem não aparece. Centeralfo concordava com ela. Ele sabia se um dia fossem namorar o escotismo viria em primeiro lugar. Centeralfo era um sonhador. Seu Pai dono do Açougue Trovão vivia dizendo para ele colocar os pés no chão. – Filho, sonhe muito, mas veja a vida como ela é. Centeralfo amava seu pai. Pois ele não conhecia sua mãe. Disseram a ele que ela morrera quando nasceu. Não entendia muito bem quando lhe contavam esta história. Seu pai era mais amigo que pai. Dava a ele todo apoio e sua confiança em qualquer situação.

Entrou como lobo aos oito anos. Fazia tempo. Muito tempo mais dois meses seriam cinco anos. Ele achava que foi a maior e melhor decisão que tomou. Seu Pai? Só disse que era ele quem devia gostar para entrar e não ficar em cima de um saco de linhagem jogado na cabeça e fazendo a matemática do impossível para ganhar uns tostões por carga. Isto acontecia muito na chegada dos navios no porto do rio. Disto ele sabia muito bem, pois no escotismo aprendeu a se virar como poucos. Sempre fora um bom Escoteiro, nunca deixou de ser amigo e irmão ressaltando aqueles que gostavam de rua de mão única. Aqueles que achavam que o direito era de um só. Para ele só havia duas preocupações. Tirar boas notas no colégio e ser considerado um Escoteiro padrão. Aquele que podia dizer sem erro que possuía o Espírito Escoteiro. Quando foi eleito não mudou sua maneira de ser. Para ele o líder é aquele que reconhece a liderança de todos seus amigos. A patrulha tinha por ele alta estima e ele amava a seu modo todos eles.

Passava das oito da noite quando iniciaram a reunião semanal na casa de Corredor. Ele foi o primeiro a chegar. Até riu em dizer isto afinal à reunião sempre fora em sua casa e como anfitrião tinha que receber seus amigos. Todos da patrulha puma se orgulhavam dele. Corredor sabia que na reunião daquele dia os patrulheiros iriam comentar sobre o Grande Jogo Noturno. Alguém lhe dissera que viram o Chefe Nemo, Chefe Euclides, Goiabada e Calango descendo o rio pela manhã no barco do Curtume São Raimundo. – Onde foram? Perguntou. Ninguém sabia. Ele mesmo foi à casa de Goiabada sondar. Nada. Goiabada era um tumulto. O assunto correu de boca em boca. Era um disse me disse e cada um tirando suas próprias conclusões. O Chefe Nemo e os seniores

mais o senhor Euclides poderiam ir onde quisessem, mas com o falatório do jogo noturno todos desconfiavam. Será que ele ainda seria realizado? Todos diziam que sim e ninguém duvidava. Para que cancelar se o Chefe Remo falou tanto dele? Para que se até eles deram suas sugestões para o jogo? Corredor tinha outras coisas para pensar. Dois Escoteiros da patrulha quase terminando as provas para receberem o cordão Verde e Amarelo. Toquinho e Mal me Quer mereciam.

As oito e vinte a reunião começou. E há tal hora inglesa? Corredor achava que eles nem sabiam o que era isto. Ele mesmo era pontual porque achava que Baden Powell foi quem determinou este horário. O Chefe Tadeu sempre dizia que horário é horário. Um absurdo deixar um amigo ou irmão Escoteiro esperando. Pontualidade inglesa completava. Eles insistiam que era a pontualidade de Baden-Powell. As reuniões eram sempre feitas na sala. Sua irmã saía de mansinho e sua mãe não atrapalhava ou ia para a casa da irmã que morava ao lado. Sabia que só voltariam depois das nove. Ali na sala fizeram a oração e Cascudo leu a ata da reunião anterior. Ele sabia que só em sua tropa se fazia isto. O Chefe Nemo disse que tudo que se fala deve ser documentado. Advogado fez um retrospecto do dinheiro que a patrulha tinha em caixa. Mostrou quanto gastaram e ainda sobrou alguma coisa. Não muito. Pernilongo o almoxarife comentou do sumiço do facão no ultimo acampamento. Ninguém quis assumir a responsabilidade. Corredor sabia que devia ser alguém da patrulha que em um lapso de memória esqueceu em algum lugar. Poderia dizer que foi ele, mas um dia aprenderia que dizer a verdade é o caminho correto para um bom escoteiro.

Sinaleiro tinha ido à casa do Chefe Nemo. – Chefe eu soube que o senhor recebeu pelo correio uma caixa cheia de moedas da boa ação? – Isto mesmo Sinaleiro. Mandeí vir da capital - O senhor vai vender ou será para premiar uma patrulha ou um de nós? – Não Sinaleiro eu comprei quarenta moedas. Será meu presente para todos que participarem do Grande Jogo Noturno. – Vai ter mesmo Chefe? – Vai sim! Onde? Espere e aguarde. Ainda estamos definindo. Tomou um cafezinho que a Chefe Amelinha lhe ofereceu e se mandou. Tinha notícias. Precisava contar a todos. Sinaleiro se achava o bom para descobrir segredos ou mesmo o que ninguém contava. Lia muito estórias de detetive. Ele lembrava um dia que chegou um homem estranho na cidade no expresso do meio dia. Ele estava saindo da escola quando o viu. Parou de pedalar e viu que ele se hospedou na Pensão da Creusa. Humm! Pensou. Acho que é um espião. Risos. Espião? Era assim que Sinaleiro pensava das pessoas que chegavam à cidade e ele não conhecia. Fez até amizade com Juraci, filha de dona Creusa. Ela tinha uns vinte anos, mas Sinaleiro achava que era uma amiga e mais nada.

Correu em casa almoçou engolindo e sua mãe lhe chamou a atenção – Porque a pressa Mario Estevam (ela o chamava pelo nome e não pelo apelido) – Mãe, chegou um homem estranho na cidade. Preciso investigar – Olhe Mario não vá se meter em encrencas. Seu pai está viajando e só volta na semana que vem. Sinaleiro sabia que nunca iria se meter em encrencas. Ele se considerava um bom Escoteiro, mas adorava uma boa investigação. Voltou em minutos à

pensão. Juraci disse que ele acabava de sair. Alugou a charrete do Pedro Malore. – Alugou? Ele foi sozinho na charrete? – Foi sim não sei para onde foi. Melhor você falar com Pedro Malore. Sinaleiro saiu em desabalada carreira e pensando – Ora, porque ele não deixou o Pedro Malore dirigir? Porque ele quis ir sozinho? – Pedro Malore era um gozador. Vivia rindo das pessoas. Quando Sinaleiro o perguntou sério respondeu – Acho que foi lá pelas bandas da Estrada Velha onde morreu o Chico Marcondes. Caramba – será que ele foi lá achando que o Chico Marcondes tinha escondido algum segredo? Em cinco minutos chegou ao alto do morro onde se avistava a cruz na beira da estrada onde Chico Marcondes foi morto com doze tiros. Foi o último e o primeiro assassinado na cidade. Deu o que falar.

Viu a charrete vazia. No alto do morro viu um vulto. Escondeu sua bicicleta e devagar, como sempre fazia quando andava no mato para surpreender sem ser visto, foi pé-anti-pé, abaixado até a figueira no alto do morro. Sabia que na descida havia uma enorme pedra. Devagar foi descendo o morro. Não viu ninguém na pedra. Começou a rodeá-la. Sentiu sua vista piscar com um clarão enorme, quando se dissipou viu o Alemão a sua frente com uma máquina fotográfica que acabara de tirar uma foto sua. Falava mal o português, mas disse o que ele precisava saber - Estava atrás de uns desenhos que alguém comentou com ele ser de uns homens do espaço. Ele viera ao Brasil atrás destes desenhos. Sinaleiro que tinha levado um enorme susto mostrou bem embaixo da pedra uma abertura – Tem lanterna? Perguntou. - Tenho, o outro respondeu. Em uma pequena abertura os levaram a uma pequena gruta. Muitos desenhos, todos os Escoteiros conheciam a gruta, mas não entendiam nada dos desenhos. Sinaleiro o ajudou até o escurecer. Prometeu no outro dia voltar a ajudá-lo. O Alemão deu a ele uma nota de cinquenta reais. Sinaleiro arregalou os olhos. Nunca tivera tanto dinheiro em sua vida.

Sinaleiro ajudou o alemão por cinco dias até quando ele partiu. Ninguém nunca soube de suas fotos, quem sabe lá na Alemanha vão ficar sabendo. Professor riu quando Sinaleiro contou a história. Professor sabia que muitos cientistas vinham ao Brasil para estudar nossa história e a história do mundo. São essas coisas que fazem entender melhor de onde viemos e para onde vamos. O Senhor Paulo Arlindo pai do Professor sabia que o filho tinha um conhecimento bem elevado para um jovem da sua idade. Ele estava apenas com treze anos. Paulo Arlindo trabalhava na Prefeitura e mesmo com novos prefeitos nunca foi demitido. Pudera era um funcionário que se podia dizer insubstituível. Uma espécie de Guarda Livros hoje conhecido como Contador. Sabia tudo da prefeitura local. Quando o TCM (Tribunal de Contas dos Municípios) mandava alguém fiscalizar era com ele que conversavam. Sempre fora um homem respeitado pela honradez ética e palavra. Uma integridade que nunca foi posta em dúvida. Nunca aceitou suborno apesar de que várias vezes foi procurado por auxiliares de alguns prefeitos de cidades vizinhas para isto.

Professor sabia quem era seu pai. Tinha orgulho dele. A cidade em peso dizia que podiam confiar. A prefeitura estava em boas mãos. Trabalhava sem nada esconder sempre às claras. Professor seguia seus passos. Mas não queria

ser um contador somente. Pretendia na hora certa ir para a capital. A Tia Noêmia já havia colocado sua casa a disposição. Professor adorava o escotismo. Nunca deixou suas obrigações sem fazer, mas no primeiro momento de tempo livre lá estava ele com seus amigos da patrulha ou com os monitores da tropa. Vibrava quando saíam para acampar. Adora excursões e atividades aventureiras. Chegou a fazer desenhos de diversas pioneiras, todas elas dentro dos padrões técnicos. Mas depois deixou de lado. Achava que isto tirava a criatividade. Para ele cada um deveria criar suas próprias pioneiras sem ficar copiando as dos outros. Notou que o Chefe Nemo dava notas mais altas nas inspeções matinais naquelas que quem fez teve criatividade.

Ele e seus Patrulheiros sempre tinham reuniões de patrulha todas às quartas feiras ou na sede ou em casa de um deles. Mesmo sem estas reuniões a turma se encontrava sempre na Praça da Igreja. Eram uma equipe e amigos para sempre. Os outros meninos da rua ou do bairro que não eram Escoteiros também tinham sua turma e muitos deles o procuravam reclamando de não ter vaga para eles na tropa. A cidade merecia ter três Grupos Escoteiros. O pormenor era que a prefeitura não ajudava nas finanças e só colaborava com o local. Bem era um local lindo e eles tinham trabalhado muito para construir um salão e dividir em oito. Quatro cantos de patrulhas para os Escoteiros e quatro para os seniores. Como estes só tinham três patrulhas sobrava um cômodo. Os lobinhos tinham sua gruta na área da sede próximo ao salão. Eles não podiam reclamar, pois estavam bem colocados. Se eles já tinham o problema de chefia se surgisse outro grupo isto seria um motivo para não seguir em frente.

Passou-se duas semanas. Chefe Nemo, Chefe Euclides, Goiabada e Calango voltaram à ilha duas vezes. Podiam dizer que estava tudo quase pronto. A preparação das armadilhas deu uma mão de obra tremenda. A ilha não era prodiga em cipós. Custaram para conseguir o necessário. Foram vinte armadilhas de pega-pé, Lata d'água (foi uma dificuldade, pois precisavam de 40 latas de vinte litros e cem latas de um litro) e também as diversas armadilhas do Morteiro Fatal. Sem esquecer as quarenta que fizeram do carrapicho no rosto. Acredito que todos conhecem, pois água caindo na cabeça, latas caindo fazendo barulho, pisar e ser pego levantado pelo pé a dois metros de altura, esbarrar em um cipó esticado e levar uma varada nas costas ou galhos no peito e quando se esbarrava em um pequeno galho o barulho das latas caindo era imenso. Pensar que quatro patrulhas iriam passar por tudo aquilo valeria a apenas todo o trabalho realizado. Um enorme susto eles iriam levar. Em plena noite sem lua dentro de uma floresta seria lembrado para sempre.

Dona Marly esposa do Chefe Euclides e Amelinha ficaram dois dias fazendo as braçadeiras coloridas que iriam decidir a vida ou a morte de cada Escoteiro. Fizeram também as bandeirolas que iria demarcar parte da trilha desde o início. Foram feitas 32 braçadeiras. Oito verdes, oito azuis, oito pretas e oito cinzas. Vermelhas não, pois à noite poderiam chamar a atenção. Elas foram feitas com um elástico leve para facilitar a morte rápida de quem perdesse ou pontos para quem conseguisse tomá-la. Entre as pedras eles conseguiram fazer uma cerca de madeira em círculo sendo à frente em paliçada. Foram preparadas

seis tochas colocadas em volta da cerca de madeira e que deveriam durar por toda a noite. O cálculo é que se alguém conseguisse chegar até ao Forte Hã-Hã-Hãe-quibaana não seria antes de cinco da manhã. O forte era fácil de conquistar. No centro da Oca estaria fincado o Totem da Vitória. Chefe Euclides fez uma linda cabeça de um Gavião e o pintou de negro. O bastão era todo cravejado de pedras cristalinas que ele mesmo retirou no Riacho Uruçanga. Chefe Nemo ficou entusiasmado com o Totem. Nunca em sua vida viu algum igual.

Capitulo VI

A Ilha do Gavião Negro.

Dois meses para preparar. Cada patrulha ia receber um kit contendo as oito braçadeiras, uma bússola silva, um mapa da ilha com marcação dos pontos importantes – Saída e chegada. Foi anexada uma foto do Forte Hã-Hã-Hãe-quibaana para cada patrulha. O Totem da Vitória ficou exposto na sala da sede por duas reuniões. Faltava somente fazer a Carta-Prego onde iriam ter detalhes de como seria o jogo, horário de início e as regras que valeriam para todas as patrulhas. Cada patrulha deveria fazer sua própria lista de material não esquecendo a caixa de primeiros socorros. Agora era dar início aos preparativos finais. A Corte de Honra daquele sábado durou mais de duas horas. A tropa fervilhava de boatos. Cada um dos Escoteiros contava uma coisa. Havia no ar um cheiro de aventura. Havia também um cheiro de mistério. Os monitores acharam por bem que só o Chefe Remo deveria estar presente. Mesmo que o Chefe Euclides e os seniores Goiabada e Calango tivessem parte importante na preparação do jogo, eles insistiram em manter a tradição de que só a convite alguém fora da tropa poderia comparecer.

Após a leitura da ata e aprovação o Professor que era o Presidente deu início os trabalhos com os temas rotineiros. Todos queriam apressar e não discutir muito, pois cada um dos monitores estava com os nervos à flor da pele. E o jogo? Pensavam. Tanto se falou tanto se discutiu que ninguém queria esperar mais. Tem ou não tem? Vai sair ou não vai? Chefe Remo estava sério. Ele sabia que precisava criar um clima de mistério, um áurea de suspense, um clímax de aventura, pois só assim as patrulhas iriam participar de corpo e alma. Ele até pensou em entregar a cada patrulha a norma por escrito e com as histórias que deveriam impressionar a todos. Mas precisava falar aos monitores de maneira mais mística que conseguisse. Era ali que iria mostrar se o jogo teria o valor esperado ou não. Chefe Remo levantou e começou a andar em volta da mesa que seria para escrever e onde estava uma garrafa com chá e ao lado alguns biscoitos de maizena. Não havia horário para se servir. Cada um se servia a vontade e a qualquer hora.

Sinaleiro não aguentou mais – Chefe e aí? Vai continuar com este suspense? Bora Chefe, estamos esperando! – Centeralfo não se fez de rogado.

Também pediu ao Chefe Remo que iniciasse a explanação do jogo – Olha Chefe, falou – Tem dois meses que a patrulha não fala outra coisa. Um Escoteiro inclusive descobriu o senhor e os seniores a descer o rio no barco do Curtume. Foi à vez de Corredor - Chefe se este jogo não sair não sei não! E riu baixinho. Por ultimo o Professor levantou e se postou em frente ao Chefe Remo – Vamos lá Chefe, estamos aguardando! Chefe Remo pensava se era a hora dele começar a falar sobre o jogo. Achou que sim. – O jogo vai sair. Será daqui a duas semanas. O local? Acho que muitos de vocês ainda não conhecem. A Ilha do Gavião Negro. Um silêncio mortal na sala. Se uma mosca passasse voando seria como se um Boeing estivesse levantando voo. Sentem-se todos. Vou explicar como será para vocês passarem a patrulha. Quero que na próxima reunião todos já saibam como será, onde será e quando será.

Enquanto o Chefe explicava o jogo aos monitores os seniores Goiabada e Calango estavam em outra missão. Eles tinham que encontrar o Senhor Machado, um dos moradores mais antigo na cidade. Milhares de perguntas fervilhavam em suas mentes. Porque a Ilha se chamava Ilha do Gavião Negro? Quem deu este nome e por quê? Ninguém na cidade se perguntou sobre isto? A ilha era deserta, estranho isto. Menos de sessenta metros de braço da margem até ela e ninguém se interessou a morar lá? Tinha boa aguada, áreas altas cujas enchentes não chegavam. Eles sabiam que nunca morou ninguém lá, pois rodaram a ilha em todos os cantos. Era um mistério. Eles pesquisaram na biblioteca, com vários pais e comerciantes e ninguém sabia por que a ilha chamava Gavião Negro. Disseram para eles que só o Coronel Lúcifer, ou melhor, Coronel Elias (Elias Machado) poderia saber. Ele foi um dos primeiros moradores na fundação da cidade. Nasceu aqui por volta de 1892, muitos dizem que ele tem mais de 106 anos. Quem já viu sua certidão de idade consta que só tem 102 anos, mas ele alega que só foi registrado em 1896. Poxa, o homem era Velho mesmo. Interessante que ninguém da cidade se interessou em perguntar a ele se sabia da história da ilha.

Ele não estava na praça. Goiabada e Calango perguntaram a todos no Bar do Ôrico. Era um bar antigo e lá também os sem o que fazer jogando sinuca e não sabiam de nada. Goiabada comentou com Calango – Você já notou que em qualquer boteco se encontra gente bebendo pinga e jogando sinuca? Calango balançou a cabeça. Ele sabia que os empregos eram poucos e a maioria que ali frequentava estava desempregada. Bem problemas deles! – Olhe, sabe a Dona Filomena? – disse Calango. - Aquela que dizem ser caduca? Ela é bem velha e pode saber ou então nos dizer onde mora o Seu Lúcifer. Não deu outra eles precisavam saber e não queriam voltar para casa de mão abanano. Lá foram eles a casa dela. Morava na Rua Oito. - Rua Oito pensou Goiabada. Porque ainda não tem nome? Desde que me conheço por gente que lá é Rua Oito. Acho que por não ter água e nem luz eles não querem dar nome. Era perto logo avistaram a casa dela. Tiveram uma surpresa. Era linda a casa toda pintada de branco com cercas de madeira pintadas de azul. Espetacular era o jardim. A entrada, rosas vermelhas, brancas, amarelas pétalas caindo e ambos ficaram ali olhando a beleza daquela entrada maravilhosa.

Dona Filomena estava na janela quando eles chegaram. Sentia-se sozinha em sua casa e toda visita era bem vinda. Mandou-os entrarem com um sorriso diferente. Lindo seu sorriso para alguém de 90 anos. Goiabada e Calango entraram. Na sala uma mesinha e quatro banquetas de madeira. Sentaram e ela ofereceu um café. Seria uma falta de cortesia não aceitar. Dona Filomena fora uma mulher bonita. Ainda dava para ver seus olhos castanhos, enormes sua feição delicada apesar das rugas que tomavam conta. Interessante, conversa bem, compassadamente e sempre olhando nos olhos dos visitantes. Diferente de muitos que conversam olhando o chão. Calango lembrou o que sua mãe um dia lhe disse – Filho se você vai conversar com alguém levante a cabeça, sem ser altivo nunca de cabeça baixa. Se ficar assim podem pensar que esconde algo. Fique atento se alguém abaixar cabeça. Se isto acontece pode ser falsidade ou então que a pessoa é tímida. Não era o caso de Dona Filomena. Conversava bem próximo e olhando nos olhos. Tomaram o café e logo perguntaram a ela pelo Coronel LúCIFer - Desculpe Dona Filomena, a gente queria dizer Elias Machado. Dona Filomena riu. – Tudo bem meus jovens. Todos sempre o chamaram assim.

- Sabem que ele tem uma história muito triste? – disse Dona Filomena. Calango e Goiabada ficaram surpresos. Histórias da cidade, de seus cidadãos, dos feitos e efeitos nunca eram contadas. Novidades sim. As lavadeiras nas pedras do Rio Formoso que o digam. Ali se sabia de tudo menos do passado. – Ele perdeu a esposa quando estavam casados a menos de seis anos. Dois filhos também. Dizem que foi uma fatalidade e ele nunca se conformou. Acho que foi lá por volta de 1935 eu estava com quinze anos. Precisavam ver o cabelo que eu tinha. Dona Filomena contava e sorria. Foi Orosimbo um vaqueiro da Fazenda Prata Formosa que desviou uma manada de cavalos selvagens para a rua principal. Dizem que ele estava bêbado e isto não era surpresa. Ele sempre estava. Os cavalos a galope não perdoaram ninguém que estava nas ruas e calçadas. Morreram mais de doze pessoas incluindo a esposa e filhos do Elias. Ele nunca se conformou. Orosimbo sumiu da cidade e Elias também. Ele ficou vinte anos fora. Soube por fontes ocultas, risos, que ele foi atrás de Orosimbo. Se o matou não sei.

- Quando retornou se exilou na sua fazenda. Na época era a melhor da cidade. Muitos bois, plantações de feijão e arroz que sustentava toda a cidade. Tudo isto acabou e com a amargura de perder quem amava ele não teve mais interesse na vida. Só não se matou porque era muito católico. Aos poucos virou um bicho do mato. Barba grande, cabelos grandes, quase não tomava banho. Era um mau cheiro terrível. Foi Benedita sua empregada que o salvou de morrer na “fedoreza” como ela disse. Ela brigou com ele tanto que ele de raiva pulou no rio para se matar. Esqueceu que era um emérito nadador. Saiu da água meio limpo e sem o cheiro. Ele gostou e voltou a tomar banho. Mas sempre caladão. Eu nunca fui sua amiga e Matozinhos meu esposo também. Lembro como se fosse hoje que ele entrou na Rua Coronel Afonso a principal da nossa cidade, a cavalo, com uma linda cabeleira branca solta com o vento jogando seus cabelos de um lado para o outro. Um espetáculo inolvidável. Havia mais de vinte anos que ele não vinha à cidade. Todos saíram à porta para ver.

- Dona Filomena deu uma parada – Foi até o forno retirar umas brevidades que deixou assando. Trouxe-as a mesa para os meninos saborearem. – Continuou – Ele o Senhor Elias parou em frente à casa do Gervásio, desceu e a menos de um palmo do seu nariz pediu sua filha em casamento. Gervásio quase caiu de costa. Um Velho de seus setenta anos querendo casar com sua filha de dezesseis? Isto aconteceu há uns trinta anos foi quando elegeram aquele garotão bonito para presidente. O Doutor Fernando Collor. Homem lindo! Eu o adorava, foi uma brutalidade o que fizeram com ele. – Goiabada e Calango se entreolharam. Quem seria este Presidente? Não lembravam que nos livros de história ele estava lá, na foto que choferava um jatinho da FAB. – Sabe, continuou dona Filomena, o senhor Gervásio o mandou entrar em sua casa. Pediu para Risoleta sua esposa servir um café novo para ele. Sentaram ambos em volta da mesinha de madeira quase parecida com esta que vocês estão vendo. Violeta chegou correndo do quintal. Brincava com as outras meninas quando soube do pedido do Senhor Elias. Ela rosada pelo sol era uma bela “guapa”. A cidade dizia que ela se candidatasse para miss ganharia na certa. Ela na sua ingenuidade dos dezesseis anos chegou perto dele e disse – Quer casar comigo? Então tem de me levar para conhecer Paris!

- Gervásio ficou estupefato. Sua linda filhinha inocente aceitando casar com aquele Velho? Ele sabia que quem oferece perfume pode também oferecer flores. Nem precisou arrematar. Seu Elias disse que se eles se casassem ele poderia ficar com oitenta alqueires que ele tinha entre o ribeirão das Flores e até a estrada BR-123. Gervásio arregalou os olhos. Era um mundão de terra e a ganância foi maior que o amor a sua filha. Dois meses depois se casaram, foi um casamento de arromba que durou quase três dias. Não sei quantos bois, galinhas, porcos e uma centena de cabritos foram servidos por trinta cozinheiros. Veio uma orquestra da capital. Ele pagou uma fábula para trazer Tônico e Tinoco. Uma festa para ninguém botar defeito. Dizem que tudo que é bom dura pouco. Não se sabe o porquê Violeta começou a emagrecer, vomitar sangue e um belo dia morreu. Eu lembro que o Senhor Elias mandou vir os melhores médicos da capital e nada. Desta vez ele queria se matar. Tentou e tentou e nada. Não conseguia.

Viram-no um dia pegar um caiaque e descer o Rio Formoso. Alguns dizem que ele foi até Santo Ambrosio a uns duzentos quilômetros rio abaixo, mas outros juraram que ele parou na Ilha do Gavião Negro. Naquela época não se chamava Gavião Negro. Não tinha nome, era somente uma ilha qualquer desabitada. Dizem ainda que ele se embrenhou na mata e ficou por lá mais de dez anos. Como vivia, o que comia ninguém nunca soube. Começaram a correr os boatos principalmente que Gervásio se achou dono de suas terras. - Se ele sumiu e minha filha que morreu era sua esposa eu tenho direitos, ele disse para toda a cidade. Uma bela manhã de novembro o céu escureceu com centenas de pássaros. Eram gaviões. Aos milhares e todos negros. Monsenhor Colasuonno o padre na época disse que era a peste negra. Entrou e benzeu a cidade com a igreja cheia de medrosos habitantes. Todos acharam que iriam morrer. Ninguém ficou doente. Por cinco meses os pássaros não apareceram. Sem ninguém

esperar o Senhor Elias apareceu seminu, com uma pele de onça a cobrir as partes íntimas e atravessou a cidade de uma ponta à outra. Andava como se estivesse desfilando na realeza. Trazia no ombro direito um enorme Gavião Negro e na outra um enorme cajado. Enorme mesmo. Eu mesmo perdi a fala ao ver aquela visão deslumbrante e imponente. Não sabia como o Senhor Elias tinha forças para suportar aquele peso nos ombros.

Goiabada e Calango não tiravam os olhos de Dona Filomena. Aos poucos estavam montando a história do nome e do segredo da ilha misteriosa. Incompleto ainda, mas o novelo começava a se desenrolar – Dona Filomena parecia hipnotizada ao contar esta parte da história do Senhor Elias, ou melhor, do Coronel Lúcifer – Assim como ele apareceu ele sumiu na curva da Avenida Coronel Afonso que naquela época não tinha calçamento rumo a sua fazenda. Dizem que Gervásio chegou correndo a cidade eu não vi porque estava viajando. Dizem que ele estava todo bicado e sangrando. Ele tomara posse da fazenda e fora morar lá. Contaram ainda que no mesmo dia ele fez as malas e sumiu com sua esposa no ônibus das sete da noite. Para onde foram ninguém sabe. O senhor Elias nunca mais deu as caras aqui na cidade. Vários moradores valentes atravessaram o rio e armados de carabina e garruchas adentraram mata adentro na Ilha que agora chamavam do Gavião Negro. Não encontraram nada. Nem sinal onde o Velho dormiu ou viveu. As pedras no centro da Ilha estavam lá. Pensaram que elas poderiam ter alguma entrada secreta para uma caverna, mas nem sinal.

A noite caía, devia passar das sete. Goiabada e Calango estavam como adormecidos com as histórias de Dona Filomena. Nunca pensaram que na sua cidade tinha histórias incríveis e que Dona Filomena era uma contadora de história sem igual. Acreditar? Tinham que acreditar. Mas a rodada de histórias daquela noite terminara. Dona Filomena disse que estava cansada. Precisava dormir. A casa dela estava sempre aberta para eles. Podiam voltar amanhã. Quando iam perguntar onde morava o Senhor Elias hoje parece que ela adivinhou – Não vão lá disse – Ninguém vai a sua fazenda sem sequelas. Vários moradores tiveram morte súbita natural ao voltar e outros nunca contaram o que viram e ouviram. Ou ficaram surdos ou cegos. Uma cortina de medo, horror, pavor e pânico envolve sua fazenda sinistra. Calango e Goiabada saíram agradecendo a hospitalidade. No fundo os dois seniores tinham sentimentos nobres. Sabiam respeitar os mais velhos. Eram ainda aprendizes de “cavalheiros” uma raça em extinção. Pela rua deserta e escura em silêncio suas mentes voavam a grande distancia. Eles sentiram um vento frio em suas cabeças, um enorme Gavião Negro sobrevoava acima dos dois a uns quatro metros de altura. Goiabada e Calango estremeeceram. Bruxaria? – Ave Maria, cheia de graça, o senhor é convosco... E lá foram eles rezando para suas casas.

Capítulo VII.

O fim é o começo de tudo.

Corredor estava sentado no banco que a patrulha fez em volta do pé de Jenipapo esperando a patrulha chegar. A reunião com o Chefe Remo foi cuidadosa e curta. Ele parecia explicar o Grande Jogo como se estivesse telegrafando. O que deu para entender? – Uma ilha misteriosa com o nome de Gavião Negro. Mais ou menos dez quilômetros de largura por oito de comprimento. Sua patrulha Puma deveria estar a postos no Sitio Sacopemba às doze horas do dia 22 de julho. Lá eles abririam uma carta prego que daria todas às coordenadas. Recebeu uma lista de materiais que precisavam levar. Até aí tudo bem. Ele sabia onde era o sítio Sacopemba. Lembrou que ele disse que seria uma luta difícil e renhida de todos os participantes. Seria um jogo de vida ou morte e aos vitoriosos um belo troféu. Tudo seria a noite. Eles teriam 12 horas para chegar ao Forte Hã-Hã-Hãe-quibaana. Que nome esquisito pensou. O forte tinha uma cerca de madeira com mais ou menos quinze por quinze. No meio fincado no chão O Totem da Vitória. Para piorar as coisas ele disse que seria como no filme Highlander, o Guerreiro Imortal onde só um podia sobreviver. A ele tudo. A ele o Totem da Vitória. Para ele todas as honras e glórias. Seu nome ficaria para sempre gravado nos livros de patrulha e teria na sala da sede sua foto. Caramba! Quem seria este herói?

No mesmo horário Centeralfo reunia sua patrulha no coreto da praça. Repetiu a mesma coisa que o Chefe Remo dissera. Todos ficaram de olhos arregalados. Doze horas do dia 22 de julho deveriam estar preparados para abrir a carta prego há onze quilômetros descendo o Rio Formoso após o Curtume São Raimundo. Todos sabiam da estrada que margeava o rio. Cada um dos patrulheiros querendo saber mais e Centeralfo não tinha mais a falar. Quando explicou que muitos iriam morrer todos se assustaram. Morrer? – Calma disse Centeralfo deve ser morte como todos os jogos que já fizemos. O Chefe Remo disse que era um jogo para homens preparados para viver e morrer. E quando ele disse que só um sobreviveria para ser o herói, aquele que conseguiria ter o Totem da Vitória todos ficaram de olhos arregalados. Centeralfo conhecia seus patrulheiros. Sabia que podia contar com eles em qualquer ocasião. Era o jogo esperado há muitos anos. Um jogo que seria jogado como nenhum outro. Centeralfo não tinha medo. Dizia para todos que para ele esta palavra não existe. Bem em termos, pois quando viu o Fantasma do Coronel Pampam no acampamento do Vale Mocréia dizem que ele encheu as calças, mas isto é outra história.

Dona Esmeralda mãe de Sinaleiro serviu uma bacia de doces a patrulha Falcão do seu filho. Mario Estevam seu nome de batismo era filho único. Ela se orgulhava dele. Bom filho, bom aluno e sabia que devia muito ao escotismo. Ele estava fazendo do seu filho um homem. Os patrulheiros já haviam discutido todos os pormenores que sabiam. Ficou uma dúvida onde seria a Fazenda Epaminondas. Foi Marca Passo quem lembrou a eles quando foram de bicicleta até a cidade de Manto Dourado no ano passado. Eles passaram pela fazenda. Era do outro lado do rio. Havia uma espécie de frenesi na patrulha. Um desejo de que o dia 22 de julho às doze horas chegasse logo. Cada um queria ser o herói. Aquele que conquistaria o Totem da Vitória. Eles já

passaram por jogo de vidas. Alguns sobreviveram outros não. A patrulha era escolada. Dos oito escoteiros um haveria de ser um imortal como o tal Highlander. Só dois tinham assistido o filme. Era proibido para menores de doze anos. Sinaleiro tinha treze e Baratinha também. Eles contaram sobre o filme. Muitos sonharam a noite com suas espadas mágicas a lutar para ser o único, aquele que seria imortal.

Professor metódico como ele só, tinha feito um relatório. Entregou para cada um. É para vocês lerem e decorarem. Vamos planejar toda a espécie de luta na selva e a na escuridão. Depois iremos treinar na Mata do Capitão local já conhecido de todos. Vamos nos preparar como nunca. Precisamos de tinta negra própria para pintar a cara, os braços e as pernas, pois Chefe Nemo disse que deveríamos estar uniformizados. Todos devem treinar também a luta corpo a corpo. Não sei como será a vida de cada um, mas pensemos nos jogos de escalpes que já fizemos. É à noite. Alguém pode surgir do nada e nos matar. Vamos treinar juntos e depois separados. No dia do Grande Jogo estaremos em uma mata muito maior. Vamos ter de estar às doze horas do dia 22 de julho em Marcelândia. Fica a mais de dezesseis quilômetros pela BR 263. É uma usina de cana de açúcar. Lá é a ponta da ilha onde vamos atravessar. Ninguém deve contar para ninguém nosso treinamento. É confidencial. O Totem da Vitória tem de ser nosso. Pequeno Polegar estava de olhos arregalados. Pensava se deveria ir. Tinha menos de um metro e quarenta, magro e adorava os Escoteiros, mas agora essa luta de morte seria para ele tudo que não sonhou e tudo que ele deveria fazer para cair fora. Não fez isto. Era um Escoteiro. Não foi um Escoteiro quem disse que o medo é o sonho dos fracos?

A noite caiu mansamente. O relógio marcava as horas como sempre fazia. Aquele mês de julho prometia parecer com outubro ou novembro. Não fez frio e nem choveu. Ainda bem que em junho choveu demais. Calango estava calado e Goiabada também. Chegaram à beira do rio quando o sol estava se pondo. Estes dois amigos tinham uma química entre sí. Não precisavam falar para se entenderem. Um piscar de olhos, uma batida na perna, um coçar no nariz e pronto. Eles se entendiam. Dizem que o ser humano precisa um do outro, pois ninguém consegue viver só. Pelo menos Goiabada e Calango não tinham esta dificuldade. Diziam que onde um estava o outro estaria também. Se perguntassem a eles o que eles sabiam sobre amizade é bem possível que ririam e não saberiam responder. Esperar que eles filosoficamente dissessem que a verdadeira amizade é aquela que nos permite falar, ao amigo, de todos os nossos defeitos e de todas as nossas qualidades e ser entendido eles sabiam que não aconteceria nunca. Mas bastava para entrar no fundo do coração de cada um, no olhar profundo, no sorriso quando estavam juntos que sem sombra de dúvida se saberia que ali estão dois amigos e irmãos escoteiros.

Todos os dias da semana ambos ficaram pensando no Grande Jogo Noturno. Seria um sucesso disto não tinham nenhuma dúvida. Eles gostavam do Chefe Remo mais que tudo. Quando a idade chegou e tiveram que ir para a Tropa Sênior eles pediram ao Chefe Remo se poderiam ficar mais um ano. Foram contra a vontade. Mas as surpresas existiram como antes e eles

começaram a se motivar. Mas o que martelava mesmo na mente de cada um era a história do Gavião Negro e o Coronel Lúcifer. Irmão do capeta? Deus me livre. Era uma história fantástica. Então havia no passado um morador na ilha? Mas como se eles não viram sinais, escombros de casas nada? Será que teria alguma gruta alguma caverna desconhecida ou tinha um buraco que ia dar no inferno? Os dois sabiam que o assunto não ia encerrar depois do jogo. Ah! Não ia mesmo. Eles levariam a história para a tropa sênior. E esta eles sabiam que seria um prato cheio. Nem que demorasse um ano, mas iriam descobrir. Pensaram em ir até a fazenda do senhor Elias, mas se ninguém ia até lá e os que se arriscaram sofreram consequências será que eles deveriam ir? A dúvida permanecia. Pela primeira vez eles tinham na mão uma história fantástica que merecia ser desvendada. Mas esta é outra história que fica para outra vez.

- Sabe Goiabada, gostaria de participar deste jogo – falou Calango. – Eu também disse goiabada. Acho que estes Escoteiros irão participar de uma atividade única. Duvido que alguma tropa algum dia tenha conseguido fazer este jogo. Daria tudo para participar de um. Ambos não eram amadores. Atividades de todos os tipos eles participaram. Não havia uma montanha, uma floresta, rios, lagos piscosos, cidades próximas, picos, vales campinas que eles não tivessem explorado ou acampado. Gostavam muito de desafio. Ainda bem que os chefes com quem eles participaram eram liberais e sempre acreditaram na linha do “fazer fazendo”. Goiabada viu um vulto batendo asas no meio do rio. Deu um voo rasante e mergulhou. Vários minutos se passaram. O Gavião lá bem no fundo do rio. Apareceu na margem com um belo piau preso nas suas garras. Era um enorme Gavião Negro. Goiabada olhou para Calango – Você viu isto? Não era um mergulhão nem um Martim Pescador, era um gavião, pode? Nunca vi isto em minha vida disse Calango. – Sabe Calango eu acho que coisas impossíveis estão chegando por aí. Vamos ter belas surpresas. Julho sem frio, rio calmo, vento sul soprando fraco, lua cheia sem o anel em volta. E agora um Gavião Negro a mergulhar nas profundezas do rio atrás de peixe? Isto foi uma surpresa para mim. Calango também pensava o mesmo, seu pensamento corria sem ele perceber a pensar como seria a fisionomia do Senhor Elias, ou melhor, Senhor Lúcifer. Diga-me porque colocaram nele este apelido?

Desceram da pedra que estavam sentados e partiram. O grande dia estava chegando. Quantos meses preparando? Mais de dois. Valeu a pena. Dona Marly dormiu pouco aquela noite. Chefe Euclides recebera a notícia e logo correu a rua para soltar um foguetório. Todos correram a casa dele. – Euclides! O que houve? Ficou rico? – Ele ria e soltava foguetes mais foguetes – Eu vou ser pai, eu vou ser pai! E ria abraçando os amigos. Quando chegou aquela tarde em casa do trabalho viu que Marly chorava. Preocupado a abraçou perguntando o que aconteceu. – É de alegria Euclides. Conseguimos! – Conseguimos o que? Fale mulher! - Estou grávida, Não sei como, mas estou grávida! Ela disse. Para ele não haveria notícia melhor. Ser pai sempre fora seu desejo e agora ia acontecer. Mas a alegria não parou por aí. Uma carta do Juizado da Infância e da Juventude estava aberta na mesa. – Dizia: Vocês foram aceitos para adotar de uma criança. Devem comparecer até cinco dias após receber esta a nos procurar no Lar Nossa Senhora, pois temos diversas crianças preparadas para serem adotadas.

– E agora Marly, o que faremos? - Ficaremos com os dois ela disse. Foi Deus quem quis assim. Ele concordou sorrindo. Em vez de um teriam dois! Felicidade em dobro!

Foi com Marly até casa do Chefe Nemo, queria dar a noticia pessoalmente. Mas tiveram que parar na casa de vários amigos que souberam da noticia e faziam questão de brindar a felicidade do casal. Quando deram por sí passava da meia noite. Fica para amanhã. Agora não é hora de chegarmos a casa dele e fica até estranho isto, disse. Voltaram para casa não antes de passarem na igreja. Rezaram e agradeceram a Deus pela sua infinita bondade em atender seus pedidos. Chefe Euclides não conseguiu dormir bem aquela noite. Primeiro a noticia que ia ser pai e depois os preparativos finais para o Grande Jogo Noturno. Passou grande parte da noite sentado na cadeira de balanço na varanda de sua casa, e sua mente percorreu o passado nos últimos meses. Quantas coisas boas aconteceram em sua vida? Primeiro só vivia para o trabalho e quando ia para sua casa só via Marly triste e dificilmente sorria. Agora tudo mudou. Entrar para os Escoteiros foi a melhor decisão que tomou em sua vida. Foi uma mudança da água para o vinho. Conheceu ótimas pessoas e amigos do peito, em uma organização que todos diziam que eram irmãos de sangue para sempre. Seu espírito se despreendeu do seu corpo e ele nem lembrou onde tinha ido. Mas seus benfeitores o preparavam para a grande responsabilidade de ser pai.

Chefe Nemo estava sentado na varanda de sua casa. Cantarolava baixinho o que o Tenor Luciano Pavarotti cantava através de seu toca disco de cristal. Já tinha ouvido La Traviata de Giuseppe Verdi, e agora tocava Aída de Verdi e logo após La Bohemia, Tosca e Madama Butterfly (Giacomo Puccini). Ele nunca esteve tão feliz. Sabia que o jogo seria um sucesso e nada iria impedir isto. Se chovesse melhor. O jogo na mata virgem, na escuridão e chovendo a cântaros iria ser lembrado para sempre por todos os Escoteiros. Ele queria um jogo viril, não que alguém se machucasse ou que acontecesse um acidente para que fosse condenado pelos pais. Ele queria sim mostrar aos jovens que eles poderiam se orgulhar em ter participado do maior jogo noturno de todos os tempos, não importando se fossem vencedores ou não. Ele sempre disse que desafios iriam aparecer a cada esquina e se fugirmos de um fugiremos de todos. Não é assim que um Escoteiro procede. Ele sempre acreditou na Lei Escoteira. Sempre cobrava de todos na tropa as responsabilidades de cada um. Seu intuito era só um. Formar homens de caráter que não tivessem medo do presente e do futuro. Se eles soubessem proceder como homens, mas agindo honestamente com seus “inimigos” no jogo, sendo leal e cortês já teria valido a pena. Fez questão de escrever no inicio da carta prego uma inscrição que dizem estaria nas paredes da Biblioteca Real do Palácio de Buckingham: “Ensina-me a ser obediente ás regras do jogo. Ensina-me a não proferir nem receber elogio imerecido. Ensina-me a ganhar, se me for possível. Mas se eu não puder, acima de tudo, Ensina-me a perder!”.

Ele não tinha certeza de que sua atuação no movimento Escoteiro era o que devia ser, ou melhor, sempre se perguntou se o caminho para o sucesso

seria o que tinha escolhido. Ele se perguntava diversas vezes porque era um Chefe Escoteiro. – Sempre vinha a sua mente a mesma resposta: Porque acredito no Movimento como formação de jovens. Seria isto mesmo? Não seria uma resposta capciosa? – A dúvida continuava e ele se perguntava - É uma resposta certa? - Sou um professor? - Um educador? - Ou um simples irmão mais Velho? De todas as qualidades, estou devidamente preparado? - Dou exemplos? - Ah! - Como era difícil responder. Ele sabia de quantas responsabilidades tinha nas mãos. Meninos Escoteiros a procura de ser bons adultos no futuro. Chefe Remo sempre foi honesto consigo mesmo. Ele e o Chefe Tadeu não eram tão amigos como se esperava. Quem sabe pelo seu cargo, pela sua responsabilidade, afinal não somos todos irmãos? Ele sempre tentou ter um dialogo maior e nunca conseguiu. Por quê? Onde errei? O que devo fazer? Perguntava-se e não tinha resposta. Só duas vezes fora convidado para uma visita em sua casa e isto em anos de convivência n Grupo Escoteiro. Não eram estranhos um com o outro isto não, um respeito honesto havia. Nunca em tempo algum teve qualquer animosidade com ele.

Enquanto os dois chefes sonhavam com o Grande Jogo Noturno duas mulheres tinham outros sonhos. A maternidade é o magno sacrifício da mulher, o seu desdobramento incondicional para a multiplicação da espécie, a santificação do lar num sofrimento continuo e imensurável. Ambas sempre sonharam um dia em serem mães. Elas sabiam que a maternidade tem o preço determinado por Deus, preço que nenhum homem pode ousar diminuir. Elas sabiam que se pode secar um coração de uma mulher, a seiva de todos os amores, mas nunca se extinguirá o amor materno. Parecia que uma calma deliciosa varria a mente daquelas duas mulheres. Existem na vida escolhas, rotinas gostosas que fazemos sonhos realizáveis e os que nunca serão realizados. Nas duas moradas para quem pudesse ver, uma luz azulada da cor do céu descia lentamente para levar duas almas a conhecerem seus futuros filhos. Era o amor desabrochando para uma nova etapa na vida de cada uma delas. Sabiam que o destino era de Deus e fosse como fosse seriam sempre felizes com aqueles que iriam ter em seus braços para sempre.

O jogo seria realizado na semana seguinte. A cidade em peso só falava nele. Isto preocupava o Chefe Remo. Ribeirão Vermelho sempre fora uma cidade pacata, calma e a não ser a prisão de dois ou três bêbados conhecidos à cadeia sempre ficava vazia. Se no passado houve uma maior criminalidade hoje ela não mais existia. Estava feliz por ter conhecido o Chefe Euclides e ele fora uma mão que nunca teve em tempo algum na tropa e agora na preparação do jogo. Não podia esquecer Goiabada e Calango. Fenomenais. Seniores da melhor estipe. Se não fosse eles dois nem sabia onde estaria toda a sua programação e preparação. Ele sempre acreditou nos jovens. Pensava consigo mesmo se o escotismo era para os jovens. Não havia dúvida nenhuma. Ele sabia que mudara muito depois que adotou aquela filosofia de vida. Ele tinha lido muitos livros e os do fundador batiam fundo na sua maneira de agir e conduzir a tropa. Não arredava um milímetro no que acreditava ser o maior método de todos os tempos para a formação de jovens. Ele sabia e o fundador insistia que nós os chefes somos apenas colaboradores. Sempre agiu assim e orientava para que

cada um fosse responsável pela sua própria educação. Sabia que o jogo seria um sucesso. Ele os treinou, preparou e já os sentia como homens feitos. Sucesso ou não nas mãos de dois chefes, dois jovens seniores e quatro monitores o jogo iria ser jogado. Que vencesse o melhor. Que todos compreendessem que o importante era participar. Vencer é somente uma questão de oportunidade.

Capitulo VIII. Uma carta prego.

No dorso do envelope.

Senhores monitores e Senhores Patrulheiros.

Abrir impreterivelmente às 12 horas do dia 22 de julho no local designado.

Leiam todas as instruções em voz alta pra todos os patrulheiros.

Depois de lido discutir com todos eles o que fazer.

A carta:

- Sua patrulha deve estar no local combinado previamente e com o material especificado. Espero que não estejam levando além da conta, pois as mochilas devem ficar bem presas às costas para que o corpo e as mãos tenham mobilidade suficiente para se defender do ataque de um inimigo ou então fazer um ataque.

- 1) Vocês terão seis horas para construírem uma jangada que comporte toda a patrulha. Nota – A Jangada deve ser jogada ao rio 50 metros acima do ponto marcado para quando efetuarem a travessia não sair em local errôneo.
- 2) O ponto marcado poderá ser visto do outro lado do rio por uma bandeirola da cor das suas braçadeiras.
- 3) As seis em ponto vocês deve estar no ponto determinado na ilha. Para isto devem navegar antes para não atrasarem. Façam vocês os cálculos.
- 4) Após estarem preparados para o jogo aguardem um tiro de rojão. Ele é o sinal que o jogo já começou GUERRA!
- 5) A morte é considerada quando perderem as suas braçadeiras. Confiamos na lealdade de todos.
- 6) Coloquem as braçadeiras no braço direito acima do cotovelo. Não usem subterfúgios para firmá-la mais ao ombro. Todos devem ter as mesmas possibilidades para “matar ou morrer”
- 7) Acredito que todas as patrulhas devem ter organizado um sistema de ataque e defesa. Gritos e choros só irão ajudar aos inimigos para localizarem onde estão.

O jogo termina no dia seguinte às seis da manhã. Nesta hora devem estar de sobreaviso e perto do Forte Hã-Hã-Hãe-quibaana. Os que ainda estiverem com suas braçadeiras e da mesma patrulha devem escolher um para ser o desafiante. Se não houver outra patrulha ele será designado campeão do jogo. O Totem da Vitória será entregue ao campeão pelo Monitor mais antigo.

- 8) Havendo mais de uma patrulha na final eles entraram com um desafiante e lutarão entre si até a morte.
- 9) Lembramos a todos que dezenas de armadilhas estão espalhadas pela área de luta. Uma delas é perigosa, pois pega pelo pé aquele que for mais displicente e o joga no ar ficando preso a dois metros do chão e de cabeça para baixo.
- 10) Se por acaso houve um acidente maior que a patrulha não possa resolver, foi entregue um mapa de fácil localização onde estará uma equipe de socorro.
- 11) Somente uma lanterna será permitida. Cuidado com os materiais de corte durante a luta. Lembramos que é importante além de ficarem nas capas devem ser protegidos por jornais ou papelão.
- 12) No final do Grande Jogo Noturno iremos oferecer um café e chocolate com muitos salgados a todos. Todos participantes receberão um brinde do Grande Jogo em data a ser programada.
- 13) O jogo terminará impreterivelmente às dez horas e após o termino cada um deve procurar sua base inicial para voltarem ao ponto de partida com suas jangadas.
- 14) O retorno deverá ser direito as suas casas. No sábado faremos uma avaliação do jogo.
- 15) **F e l i c i d a d e s!** E que vença o melhor!

Capitulo IX.

A misteriosa ilha do Gavião Negro.

Professor estava preocupado, primeiro custaram a achar uma casa para tomarem conta das bicicletas, e depois não foi fácil conseguir árvores que serviriam para uma jangada. Perdeu bem uma hora na exploração da redondeza. Organizou duplas cada uma tomou uma direção. Deviam trazer o que achassem. Só às duas e meia da tarde começaram a construir. Não eram inexperientes, pois diversas vezes tinha feito jangadas de todos os tipos. Faltando menos de uma hora para início da travessia a jangada ficou pronta. Danação! Só cabia cinco. Eram oito. E agora? Não dava tempo para aumentá-la. O Chefe não foi muito feliz em não ter previsto a falta de madeira própria para jangadas. Eles as doze em ponto estavam lá. Foi até fácil e divertido. Estrada a fora pedalando, sitiante fazendo sinais com as mãos, sol gostoso de julho sem queimar. Não tinha jeito, reunião de patrulha para decidir. Decidido. Vão cinco e os três melhores nadadores com as mãos na jangada e o corpo na água. Mochilas e roupas

levadas pelos cinco. Seria errado? Professor pensou que não. As cinco para as seis da tarde, o sol já se pondo eles estavam a postos e preparados para o que der e vier. Deram as mãos e rezaram.

“Senhor, ensina-me a ser obediente às regras do jogo. Ensina-me a não proferir nem receber elogio imerecido. Ensina-me a ganhar, se me for possível. Mas se eu não puder, acima de tudo, Ensina-me a perder!”.

A ponte estava em obras e cheia de operários. Corredor teve dificuldades para passar. Do outro lado o mandaram esperar. Uma carga de dinamite ia explodir. Uma pedra bem no meio da estrada. Sempre atrapalhou os caminhões e automóveis que por ali transitavam. Duas horas de espera. Corredor estava preocupado. Saíram cedo, não era oito da manhã e já estavam pedalando para encontrar sua base. Só as doze e trinta chegaram ao local determinado. Paciência. Meia hora de atraso, mas quem poderia adivinhar que iam dinamitar a estrada? O Senhor Jose de Arimatéia esperava por eles. Guardaram as bicicletas no galpão. Abriram a carta prego. Pedregulho o escriba leu. Dividiram as tarefas. Não foi difícil construir a jangada. As quatro ela estava pronta. Deu tempo para um cochilo. Às cinco e meia botaram a jangada no rio. Tudo ia bem até que um enorme Gavião Negro em voo rasante passou em cima da cabeça de Corredor. Ele perdeu o equilíbrio e caiu no rio de roupa e tudo. Nadava bem e se safou logo. Mas ficou encharcado. Passar uma noite assim seria de lascar. Tinha outra calça do uniforme, mas só camiseta. O Chefe ia entender. Às seis horas estavam a postos no ponto determinado e prontos para o que der e vier. Deram as mãos e rezaram: Senhor ensina-me a ser obediente às regras do jogo. Ensina-me a não proferir nem receber elogio imerecido. Ensina-me a ganhar, se me for possível. Mas se eu não puder, acima de tudo, Ensina-me a perder!

Sinaleiro chegou cedo a ponte. Muitos carros, mas ele passou fácil com sua patrulha. Soube depois que Corredor teve problemas, pois estavam refazendo a estrada e tinha uma pedra no meio do caminho. Isto mesmo, no meio do caminho havia uma pedra. Maria Creuza sabia que eles iriam passar por lá. Ela gostava dos escoteiros. Quando eles acampavam, ela não perdia um dia a ficar no rochedo olhando para eles. Uma vez convidaram ela e seu pai para um teatrinho que chamavam de fogo de conselho. Ela riu a valer. Adorou. Pena que eles passavam anos para voltarem. Sinaleiro agradeceu a ela por deixar guardar as bicicletas atrás da casa. Havia um pequeno galpão quase vazio e coberto. As doze em ponto ele deu para Minhoca o Escriba ler a carta prego. Ficaram mais de meia hora discutido os pormenores da jangada. Eles iriam tirar de letra. Não eram marinheiros de primeira viagem. Às quatro e meia ficou pronta. Sinaleiro viu Maria Creuza se aproximando. Ela tinha uns doze treze anos. – Posso ir com vocês? – Não pode moça. É um jogo. Vamos passar toda a noite na mata da ilha. – Cuidado ela disse! Dizem que tem parte com o demônio. Meu pai já viu dezenas de gaviões negros que ficam a noite tomando conta da ilha. Todos ficaram impressionados, mas as seis em ponto estavam a postos do outro lado da ilha. Eles estavam prontos para o que der e vier. Podem vir os gaviões! Sinaleiro fez um círculo e com as mãos entrelaçadas todos rezaram: Senhor ensina-me a ser obediente às regras do jogo. Ensina-me a não proferir nem

receber elogio imerecido. Ensina-me a ganhar, se me for possível. Mas se eu não puder, acima de tudo, Ensina-me a perder!

Centeralfo passou uma noite difícil. Sua irmã Natasha tivera uma febre de quase trinta e nove graus e sua mãe dizia que estava muito alta. Seu pai viajou no início da semana e só iria voltar no domingo. Ele era o homem da casa. E agora? Não participar do jogo seria o fim do mundo. Não chorou. Aprendeu que homem não chora, mas como dominar os olhos? As lágrimas? Difícil. Ficou ali ao lado do berço da irmã boa parte da madrugada enquanto sua mãe descansava. Cochilou. Viu um sorriso de criança. Era ela Natasha. Meu Deus! Obrigado! Será que melhorou? Chamou sua mãe. Ela sorriu. – Você vai meu filho. Se prepare vou fazer um café reforçado, mas cuidado, passou a noite toda acordado! Centeralfo estava radiante. Cotovelo seu Sub. Monitor conforme combinado passou em sua casa as sete da matina. Ele já estava pronto. Ele sabia da tal pontualidade inglesa. Partiram para a sede. Todos já estavam lá. Eram oito patrulheiros. Pegou o totem da Patrulha Quati e partiram para o local determinado. Centeralfo gostava de andar em trilhas de bicicleta. O vento no rosto, o gosto da aventura faziam dele um Escoteiro sonhador. Na casa do seu Tunico deixaram as bicicletas. Ele sempre gentil. Grande amigo dos escoteiros. Lagarto o Escriba leu a Carta Prego. Mãos a obra. Quatro e meia terminaram. Deu um sono enorme em Centeralfo. Enfiou a cabeça dentro do rio. Vou nadando junto com a Jangada. Deu para dar uma revigorada. Às cinco e meia deram as mãos. Estavam prontos para o que der e vier. Agora era agradecer a Deus pelo que Ele nos reservara. Senhor ensina-me a ser obediente às regras do jogo. Ensina-me a não proferir nem receber elogio imerecido. Ensina-me a ganhar, se me for possível. Mas se eu não puder, acima de tudo, Ensina-me a perder!

Chefe Remo, Chefe Euclides, Goiabada e Calango atravessavam o rio e se dirigiam a ilha. Levantaram cedo. Era menos de sete da manhã quando pegaram o barco no curtume. Tinham muito ainda para preparar. O barco descia o rio lentamente e as águas pareciam querer cantar uma canção de ninar. Eram mais de oito quilômetros do curtume até a ponta da ilha. Meia hora depois avistaram a ilha. Uma ilha desconhecida por muitos moradores. Misteriosa? Goiabada e Calango sabiam que sim. Ainda não tinham contado para os chefes a história da ilha, do Seu Elias o Coronel Lúcifer e do seu gavião negro ou seria dos Gaviões negros? Calango estava pensativo. Pensava sozinho sobre o jogo e a ilha. Ilha misteriosa? Achava que não. Afinal estiveram nela várias vezes e não viram nada. Calango pensava que se conseguissem descobrir algum mistério isto seria uma bomba em toda a cidade. Goiabada cantarolava baixinho uma canção escoteira. Ele não tinha uma preferida e a que viesse a sua memória era cantada. Chefe Euclides sorria de leve. – Um filho, um filho pensava. Agora dois? Moço de sorte sou eu. Duas alegrias juntas, filhos, Escoteiros e uma linda mulher. Isto mesmo ele notou a mudança em Marly. Ela a cada dia ficava mais linda. – É eu tenho mesmo muita sorte. Agora trabalhava sorrindo. Jamanta e Peixe Vivo seus dois auxiliares e aprendizes notaram sua mudança. Para melhor é claro, agora dava gosto trabalhar com o senhor Euclides. Euclides? Não, ele exigiu ser chamado de Chefe Euclides pode?

Amelinha pensou em ir com eles. Depois a pedido do Chefe Remo resolveu ficar com Marly, afinal eram agora grandes amigas e uma iria olhar a outra. Elas tinham muita coisa para conversar. Vá entender esta conversa de bebês de mães corujas. Chefe Remo ria com a alegria de ambas. Ele não tinha uma linha de pensamento única. O jogo agora era ponto de honra e seu filho não ficaria na berlinda. Pedia a Deus que tudo desse certo, que ninguém se machucasse e que eles se não alcançassem a vitória pudessem manter na memória como o maior jogo que já participaram. Ouviu um grito alto de Goiabada – Chefe é ele! Ele quem Goiabada? Ele Chefe, o senhor Elias, o Senhor Lúcifer! Chefe Remo não estava entendendo nada. Foi Calango quem perguntou – Onde Goiabada? – Lá na ponta da ilha. Calango olhou e não viu nada, achou que Goiabada estava surtando. Chefe Remo queria saber quem era esse tal de Lúcifer. Goiabada gaguejava e tentava contar ao mesmo tempo. Foi Calango que pediu deixar para ele explicar tudo ao Chefe Remo. Chefe Euclides que sonhava com seu filho não pensou mais em nada. Agora precisa viver o grande jogo. Prestou atenção no que Calango narrava. Uma história fantástica de Elias. Ouviu com atenção a explicação de Calango. Achava uma história absurda. Ele morava em Ribeirão Vermelho a mais de trinta anos e nunca ouviu falar nele e nesta história. Quanto à dona Filomena ele conhecia. Sempre achou ela muito simpática.

Chefe Nemo ficou encucado com a história de Goiabada e Calango. Era uma boa lenda para contar, mas real? Isto ele não acreditava. Olhou para a ponta da ilha e não viu nada. Ninguém viu só Goiabada. Goiabada se calou. Ele sabia que tinha visto e insistir eles achariam que ele estaria inventando ou sonhando. Calango sabia que Goiabada falava a verdade. Mas o Senhor Lúcifer era um homem Velho, disseram que passava de 105 anos. Como ele poderia estar na ilha? Ainda mais quase nu e só de tanga? Todos ficaram pensativos, mas logo o pensamento voltou para o Grande Jogo. Ainda tinham muito que fazer. As sete e vinte apoitaram na trilha que sempre utilizaram. Dificilmente as patrulhas iriam ver o barco. O bastão do Totem da Vitória estava com eles. O Gavião Negro era lindo. Parecia de verdade e que ia alçar voo. Iniciaram a caminhada mata adentro com destino ao ponto principal o Forte Hã-Hã-Hãe-quibaana. Ficou ótimo não deu para fazer tudo como paliçada, mas a frente dele foi feito assim. Eles resolveram que a pedra mais próxima à mata seria o posto deles de observação. Às oito e meia chegaram. Goiabada falou baixinho no ouvido de Calango – Você notou que a mata está calada? Onde estão os pássaros? Os bugios? Até as borboletas e os beija flores sumiram. - Era verdade um silêncio mortal. Mau sinal? - Melhor não pensar nisto Goiabada.

Uma da tarde e o Chefe Nemo achou que tudo estava nos conformes. Ele esperava que as armadilhas funcionassem, pois duas semanas se passaram quando foram feitas. Chefe Nemo estava de costas para a mata fazendo uma ponta em um bastão. Sentiu um calafrio no corpo. – Nossa! O que seria isto? Olhou para trás e não viu nada. Olhou para o céu e também não viu nada. Só então notou que a mata estava silenciosa. Desde que começaram a montar o jogo a mata era alegre, os pássaros faziam um barulhão tremendo e os símios?

Alegres, audazes quase a pular no ombro deles. Agora? Nada! Absolutamente nada! Isto não podia ser natural. Chamou o Chefe Euclides que dava um nó de arnês na paliçada de entrada do Forte. Contou para ele o que estava sentindo. Chefe Euclides concordou com ele. – O que seria isto? Perguntou – Não sei, nunca vi isto na minha vida, é a primeira vez. Ambos começaram a pensar e a procurar uma explicação plausível. Goiabada e Calango adentraram na mata quando notaram o silêncio dos pássaros e animais. Rodaram boa parte dela e não viram viva alma, nenhum bicho, nenhum animal e nenhum pássaro. – Não estou gostando disto falou Calango. – Nem eu completou Goiabada.

Não era hora de cancelar o jogo. Eles sabiam que este motivo não teria tanto peso para tomar uma medida tão radical. Será que agiram bem? Eles conheciam a ilha de ponta a ponta. Não havia animais ferozes e por mais que procurassem não encontraram pegadas nada. Goiabada e Calango eram peritos em pegadas. Sabiam identificar uma onça de um cabrito, um cão de um lobo. Voltaram ao Forte e sentiram que o Chefe Nemo e o Chefe Euclides também pensavam como eles. Sentaram próximo a pedra e trocaram ideias. Cancelar ou manter? Dúvida cruel. O que seria melhor? O silêncio da floresta seria um perigo mortal? Chefe Nemo finalizou a discussão. – Deve ter uma explicação para isto. Vamos juntos dar as mãos e rezar – Deus é o nosso guia e sabe o que seria melhor para todos nós – Deram as mãos e levaram o pensamento para o céu:

- Senhor e Chefe meu, que apesar das minhas debilidades me haveis escolhido como chefe e guardião de meus irmãos Escoteiros, fazei com que minhas palavras iluminem seus passos pelos caminhos da Vossa Lei, que eu saiba mostrar-lhes Vossas pegadas divinas na Natureza que haveis criado ensinar-lhes o que devo, e conduzir-lhes de etapa em etapa, até ti, Senhor meu, no campo do repouso e da fartura, onde haveis estabelecido a Tua barraca e a nossa, para a eternidade.

A sorte estava lançada. O jogo ia começar e agora não tinha volta. Eles sabiam que estavam protegidos pelo alto. Todos os pensamentos daqueles quatro bandeirantes exploradores da aventura agora estavam voltados para que os meninos sentissem alegria e não medo. Nemo se lembrava de Roosevelt – “Se fracassar, ao menos que fracasse ousando grandes feitos, de modo que a sua postura não seja nunca a dessas almas frias e tímidas que não conhecem nem a vitória nem a derrota”.

Capítulo X. Matar ou morrer!

Dezoito horas e quinze minutos. Sinaleiro ouviu um trovão no céu. O foguete do Chefe Nemo mais parecia um tiro de canhão. Os patrulheiros da Falcão tremeram. Dominó olhou para Sinaleiro tremendo. – Calma meu amigo

Dominó é só um jogo. Lembre-se você é um falcão sabe o que fazer! Olhou para os outros e disse – Logo que entrarmos na mata já sabem, não podemos andar juntos, pelo menos dois ou cinco metros um dos outros – Não se esqueçam de fechar os olhos por dois minutos e quando abrir tentar adaptá-lo a escuridão. Em pouco tempo terão condição de ver próximo a vocês, pois mais distantes será impossível. Já falamos tudo que tínhamos de falar agora é matar e não morrer. – Sinalheiro riu baixinho. Sabia que seria uma barra chegar até ao Forte. Eram mais de quatro quilômetros. Ele estava com o mapa que indicava o rumo. Andaram por cinquenta metros e a trilha sumiu. A bússola ele amarrou em seu pescoço. Treinaram durante dias uma senha imitando um Sabiá Laranjeira. Não ficou nota dez, mas deu para imitar um pouco. Quando adentraram uns duzentos metros mata adentro ele notou que não havia sons na mata. Nada. Nenhum som.

Haviam adentrado mais de quinhentos metros floresta á dentro. Corredor se orgulhava de sua patrulha. Todos durante semanas treinaram o grito do bugio e com perfeição. Agora ali na mata escura e com a camuflagem que escolheram Corredor não sentia medo. Sentia orgulho de sua patrulha. Sempre foram muito unidos. O passado deles contava histórias fantásticas de união. Ninguém reclamou quando entrou na mata e a escuridão os pegou em cheio. Mal dava para ver a frente. Montanha parecia dominar a escuridão. Olhava e olhava novamente. Ele disse a si mesmo que mataria mais de dez. Jurou que seria o campeão. Quase todos eram peritos em andar em matas. À noite não, pois só uma vez fizeram isto por pouco tempo. Ficaram cinco dias treinando como rastejar em florestas. Ele sabia que poderiam perder, mas seriam páreo duro. Deram uma parada. Corredor só ouvia a sua respiração. E a mata? Ela não respondia? Porque este silêncio? Aqui não têm animais e pássaros?

Professor olhou com carinho para o Pequeno Polegar. Ele fingia que não tinha medo, mas Professor sabia que ele estava tremendo. Fique ao meu lado disse. Era um Escoteiro de pouco tempo. Um ano acho eu. Era pequeno, muito não devia ter mais de um metro e quarenta. Parecia um lobinho, mas já estava entrando nos doze anos. Fora Lobinho Cruzeiro do Sul e chorou muito quando passou para a tropa. Mas quem não chorou? Professor conseguiu que sua tia fizesse oito toucas ninjas negra. Ficaram ótimas. Dava para impressionar principalmente à noite. Ele fez o possível para treinar os patrulheiros da Patrulha Lobo Cinzento. Foram à noite por duas vezes na mata do Roncador. Claro foi por pouco tempo. Esqueceu-se de treinar com eles uma senha, mas sabia que sempre estariam por perto se fizesse algum sinal. Sinal no escuro? Sabia que faltava pouco para começar a matança. Matança? Claro, matar tirando a braçadeira que significava vida. Isto não o preocupava, achava interessante isto sim que a floresta não emitia nenhum barulho, nada um silêncio mortal parecia viver dentro dela.

Dentuço falou baixinho no ouvido de Centeralfo. – Acho que estamos ficando distantes um do outro, isto poderá fazer a patrulha se dispensar e sumir nesta mata escura! – Você tem razão Dentuço, vá próximo de cada um e fale baixinho para ela chegarem mais perto. Os patrulheiros da Patrulha Quati eram na maioria fortes, altura normal, mas bem maiores que os outros Escoteiros das

outras patrulhas. Centeralfó não sabia se seria uma vantagem ou desvantagem. O pior é que todos eles achavam que seriam os vencedores. Nos jogos de Scalp que fizeram sempre ganharam o troféu eficiência. Centeralfó era um observador perfeito. Muitas vezes chegou próximo a um quati e um tatu sem que estes percebessem sua presença. Por isto ficou de olhos abertos quando notou que a floresta estava calada. Por quê? Pensou. Olhou para cima, para os lados, com dizem os lobinhos abriu os olhos e os ouvidos e não ouvia nada. O único som que ouviu foi de um estalo de um galho que alguém da patrulha pisou.

Chefe Nemo, Chefe Euclides, Goiabada e Calango estavam calados. Não cochilaram um só instante. Sentados um ao lado do outro e encostados na pedra onde montaram seu staff eles só observavam a floresta. – Diabos pensava Chefe Euclides, que coisa esquisita! A mata não fala? Era mesmo de assustar. Não ascenderam lampiões nada. Estava no programa acender as cinco tochas só a partir das três da manhã. Ainda era cedo, o relógio marcava uma meia. Chefe Nemo não gostava do que estava acontecendo. - Jogo é jogado e lambari é pescado pensava agora ter algum fantasmagórico no jogo não sei não. Almas do outro mundo dizem não gostam de ser incomodadas. Mas a ilha era delas? Porque ninguém sabia? Não viram nada de errado com a ilha e ela quando estiveram lá nas últimas vezes era alegre e seus pássaros cantavam sozinhos ou em bandos por cima das árvores. Ouviram um estalo. Outro e parou. Goiabada levantou e pegou um bastão, pois sabia que almas do outro mundo poderiam aparecer. Se fosse o Senhor Lúcifer e ele não quisesse conversar ele estaria preparado. Sempre foi bom no jogo do Quebra-pau. Calango olhou para cima e assustou. Um enorme Gavião Negro voava nos céus. Mesmo com a noite em completa escuridão as estrelas mostravam com pouca luminosidade o vulto que àquela hora da madrugada resolveu dar as caras.

Trinta Escoteiros avançavam cautelosamente naquela floresta escura que pouco se via a frente. Ninguém via ninguém. Cada um vinha de uma ponta da ilha. Três horas da manhã. Eles sabiam que breve iriam se encontrar. Que Deus tivesse piedade de quem corresse, seria presa fácil ao ficar longe dos seus amigos. Nenhum som. Cada um ouvia sua própria respiração. Cada mente pensava que estava vivendo uma aventura que nunca iriam viver outra. Rezas e orações eram feitas e repetidas. Os nervos a flor da pele. Professor suava, não tremia, mas estava em uma situação anormal que nunca aconteceu com ele. Sinaleiro de olhos arregalados buscava na floresta escura algum sinal. Seus patrulheiros sumiram de sua vista. Corredor pela primeira vez na vida teve medo. Isto é anormal pensou. Onde estão todos para lutarem ou morrerem? Que espera infernal. Centeralfó parou. Sua respiração estava ofegante. Medo? Impossível, Centeralfó não sabia o que significava a palavra medo. Sentiu um barulho esquisito, era um galho de árvore a toda velocidade em direção ao seu rosto. Não deu para desviar. Sinaleiro estava impressionado olhava a sua frente e uma figura fantasmagórica pulava freneticamente como se fosse um zumbi do outro mundo. Tremeu! Meu Deus! Não gritou, pois Sinaleiro era um Escoteiro de verdade. Um barulho monstro como se o inferno estivesse chegando a terra caiu sobre a floresta. Mil latas explodindo no chão. Uma torrente de água jorrando do céu sem parar, Cafuné foi jogado ao ar preso por um cipó ficou dois metros

acima do chão de cabeça para baixo gritando feito um louco e pedindo socorro. Ninguém se entendia, os planos foram por água abaixo, 30 meninos Escoteiros se encontraram naquela escuridão e gritavam como possessos. Uns de medo querendo fugir e outros querendo matar o inimigo. Uma luta feroz se travou. Mata! Mata! Era o som mais ouvido. Mais dois foram jogados para o ar gritando. Socorro! Socorro! Tirem-me daqui!

- Montanha viu três Escoteiros tentando encurralá-lo. Preparou-se para a luta com seu corpanzil enorme. O primeiro morreu com a sua mão direita o segundo pulou nas suas costas e com um safanão o jogou longe não antes de acabar com sua vida. Riu baixinho, - “morram danados”! Ele guardou no bolso as duas braçadeiras. Já eram quatro. Gritou para si mesmo – Caiu na rede morreu! Sinaleiro sentiu uma pancada na cabeça, uma lata vazia achou que ele era seu chão. Doeu e o pior, um Escoteirinho da Patrulha Puma o matou com um só golpe. Zé Pipoca da Patrulha Quati lutava feito um louco na escuridão. Não via nada e se um vulto passasse ele pulava em suas costas. Matou três em pouco tempo. Corredor já tinha cinco vidas no bolso. Não sabia se ria ou se chorava, pois o barulhão que todos faziam, as latas que não paravam de cair, os Escoteiros sendo suspensos por cipós às alturas, galhos esticados a lhe baterem na perna, no corpo tudo se transformavam em um verdadeiro inferno. Ele se encostou a uma árvore para respirar. Um vulto horrendo de um Velho de cabelos brancos e longos com uma tanga somente, pulou na sua frente – “Não desista, mostre que é homem”! E sumiu em seguida. Corredor piscou duas vezes e sentiu um braço tirando sua vida. Corredor estava morto. Olho D’água estava petrificado olhando para frente. Um enorme Morcego voava em sua direção. Mamãe me socorre! Passou rente a sua cabeça, não era um morcego. Era um Gavião Negro, Deus do céu! Onde estou? Não estava. Orelhudo o matou com um só golpe.

A luta era infernal. Ninguém sabia quem matava quem. Muitos mataram amigos da sua própria patrulha. Uns gritavam, outros choravam e até o Professor nem viu quando Tiquitico da patrulha Falcão o matou sem dó e sem piedade. O barulho não cessava. Milhares de latas caíam. De onde vinham? Verdadeiras trombas d’água caíam aos borbotões. Quem era pego pelo pé e elevado ao ar além do susto berrava assustadoramente. Uma luta infernal estava acontecendo. Sinaleiro correndo feito um louco e ziguezagueando entre as árvores matou seis. Riu pela vitória alcançada. Do alto de um galho alguém dependurado sapecou-lhe a mão e o matou sorrindo. Sinaleiro estava morto. Cabeludo era grande, alto e forte, mas ali na floresta maldita ele achou que estava no meio dos infernos. Não sabia se gritava ou se matava. Dormiu o cachimbo caiu Cabeludo foi morto por um Escoteiro da sua própria patrulha. Pode? Centalfó tentava organizar sua patrulha, agora não era mais para senha, era grito mesmo. Centalfó gritava chamando os Quatis. Ninguém atendeu. Meu Deus! Pensou alto, o que está acontecendo aqui? Nem esperou resposta, pois a sua frente Zé Pneu da Patrulha Lobo Cinzento e de braços abertos o desafiava. Tinham o mesmo tamanho a mesma altura. Centalfó precisava matar. Avançou em cima de Zé Pneu e foi quando viu por trás dele a figura horrenda de um Velho

da cabeça e barba branca gritando e pulando – Mata, Mata! Centeralfo perdeu o equilíbrio e a vida. Centeralfo estava morto.

A luta já durava horas e pelo barulho parecia que estava no fim. Havia ainda seis bravos Escoteiros que ficaram para a final. Em meia hora sobram dois, e em quinze minutos só Montanha conseguiu ficar vivo. Assim ele pensava, pois não viu mais ninguém. Ele riu para si próprio, se achava o bom o valente. Agora esta escoteirada vai ver quem sou eu, pensou. Viu a sua frente um Velho da cabeça e barba branca. Montanha gritou! – Se estiver no jogo se prepare, vai estar morto em segundos! Aqui não tenho respeito por ninguém! O Velho riu. Você não é o único, ainda existe um. Montanha assustou – Quem? Perguntou. O Velho saiu correndo e rindo, atrás dele dezenas de gaviões negros voando baixo. No Forte Hã-Hã-Hãe-quibaana, Chefe Remo estava de pé com os cabelos arrepiados. Com ele o Chefe Euclides de olhos arregalados. Ao lado Goiabada e Calango diziam baixinho: Que jogo! Que jogo! Dariam tudo para estar lá na guerra dos Escoteiros. As tochas já estavam acesas. Os quatro esperavam. Faltavam vinte para as seis da manhã. As instruções diziam que eles deveriam formar em frente ao Forte Hã-Hã-Hãe-quibaana as seis em ponto e apresentar a patrulha. Ela deveria estar completa. Os que não tivessem morrido teriam uma luta de morte dentro do Forte. Não poderia ter mais de um vencedor.

Seis horas. O sol já estava clareando a mata. O barulho infernal cessou por completo, como num passe de mágica a passarada voltou a cantar. Grilo, borboletas, beija flores coloridos esvoaçavam no ar. As patrulhas começaram a chegar, se formaram em meio círculo em frente ao portão do forte. Chefe Remo e demais formaram em linha em frente a eles. Vencedor? Perguntou. Montanha deu um passo à frente rindo. Sabia que era o melhor. Como se fosse um herói imortal gritou – “Só pode haver um”! E gargalhou como nunca tinha gargalhado. Gaviões negros começaram a sobrevoar o forte. No galho de uma árvore alta um Velho da Cabeça e Barba branca gritava – “Não! Tem mais um, o jogo ainda não terminou”! Goiabada e Calango ficaram de olhos esbugalhados – E Ele! É Ele! Gritou Calango. É Ele sim confirmou Goiabada Lúcifer em pessoa! - Montanha pisando firme e devagar entrou na paliçada rindo. Gritou de novo – Sou o vencedor, meu prêmio, meu prêmio! Alguém deu um grito fraco e sem forças para falar mais alto. Eu estou vivo! Todos olharam para ele. A tropa não acreditou. Impossível, impossível! Ninguém acreditava mesmo. Acreditar como? Era o Pequeno Polegar. Ele tinha nas mãos quatro vidas dos seus inimigos. Entregou para o Professor o seu Monitor. Era incrível mesmo. Mas e agora? Montanha e Pequeno polegar lutando? Sem chances. Pequeno Polegar já estava vencido, morto e enterrado.

Capítulo XI. Só pode haver um!

Montanha estava firme nos seus dois pés. Mexia com o corpo para um lado e para o outro como se fosse um lutador de Sumô. Pensava consigo que era uma luta desigual. Ele não queria aquilo. Ser um herói, vencer e receber o prêmio matando um escoteirinho como Pequeno Polegar era covardia. Isto não daria história e ele sempre seria lembrado como o valentão que matou um coelho. Olhou para o Chefe Remo. Chefe Remo balançou a cabeça – Só pode haver um! Disse. Que seja pensou montanha. Só me esbarrando nele sei que vai cair feito um neném chorão e tiro sua vida. Nem pensou no depois, no amanhã. Que posso fazer? Jogo é jogado e lambari é pescado, não é assim que diziam? Não foi a oração que dizia ser obediente às regras do jogo? Não foi ela que dizia para não proferir nem receber elogio imerecido e ele não ganhou dentro das regras? Não foi a oração quem pediu ao Senhor para ensiná-lo a ganhar se fosse possível? Pequeno Polegar deveria pensar o mesmo. Ele se entrou na luta era para morrer ou viver. Lei é lei. Ela existe para definir o certo do errado.

Pequeno polegar passou a mão na testa. Sentia que estava molhada. Suor? Não podia ser. Medo? Podia ser. Polegar sentiu medo desde que entrou na floresta. Não conseguiu ficar muito tempo afastado do seu amigo Pé de Pato. Ele disse que o protegia. Enquanto caminhavam de leve na Floresta parecia que ele via fantasmas por todo lado a sorrir para ele com a cara cheia de dentes e transformando-se em caveiras. Pequeno Polegar gelava de medo. Deu as mãos ao Pé de Pato. Foi então que o inferno caiu na terra. Uma barulheira como se fosse uma guerra o fim do mundo. Correu e se escondeu atrás de uma árvore e sentou pedindo a Deus pela sua vida. Soluçava e não sabia o que fazer. Uma mão foi colocada em suas costas. Uma friagem percorreu todo seu corpo. Meu Deus! Só pode ser o demônio! Fechou os olhos e esperou a morte chegar. Como não vinha olhou para trás e viu um Velho de barba e cabelos brancos como a neve a sorrir para ele. – Não tenha medo ele disse. Estou com você. Você vai ganhar e vai ser o vencedor. – Pequeno Polegar assustou, mas estava mais calmo. Levantou, olhou para frente e saiu em desabalada carreira. Parecia que sua mão não era sua. Alguém comandava as ações. Matou quatro e só não matou mais porque todos que o viam fugiam. Mas agora era diferente. Ele estava ali, dentro da paliçada, a menos de cinco metros de Montanha. Desta vez seria impossível!

A selva calou novamente. Os ventos cessaram. As nuvens no céu se esconderam. Ali no meio da floresta uma luta de morte ia acontecer. As regras eram claras e só um ia sobreviver. O empate estava fora de cogitação. Os dois chefes estavam estupefatos com o que acontecia. Os dois seniores juraram que nunca viram nada igual e tinham certeza que não veriam nunca mais. Os 28 Escoteiros formados em semicírculo abandonaram suas patrulhas e se agarraram na paliçada. Todos queriam o melhor lugar para ver a luta do século. Havia eletricidade no ar. Nos galhos próximos os gaviões Negros se calaram e nem a cabeça levantaram. Seus olhos estavam fixos nos dois contendores. Um Velho de cabeça e barba branca sentado em um galho sorria. Montanha se preparou. Ataco primeiro ou não? Preferiu esperar. Iriam dizer que foi covardia ele jogar ao chão o Pequeno Polegar. Ele tinha tempo. Correr para que? O sol acabava de nascer e o dia mal começou. Pequeno Polegar perdeu o medo.

Olhava dentro dos olhos de Montanha. Com seus um metro e quarenta olhava para cima em um e setenta e cinco de Montanha. Não sorria. Quase tinha ódio do sorriso de sarcasmo de Montanha. Sorriso dos que se acham vencedores. Um minuto, dois três. Ninguém se mexia.

Sem ninguém esperar soprou um vento forte, milhares de pássaros voaram para longe da floresta, faziam meia volta e em círculo provocaram um enorme redemoinho. O céu azul enviou uma carga de eletricidade que todos sentiram em seus corpos. Dezenas de Gaviões Negros começaram a guinchar e levantavam voo às alturas para em manobras arriscadas passarem voando em cima daqueles Escoteiros que estavam ali em suas terras, mas que eram bem vindos. O Velho de cabelo e barbas brancas no alto da árvore sorria e batia palmas. Ele sabia do final. Quem não conhecia a história de David e Golias?

- Montanha não quis esperar mais era agora ou nunca.

- Pequeno Polegar sentiu uma mão o elevar no ar como se estivesse dando uma cambalhota por cima de Montanha.

- Montanha não esperava por aquilo, olhou para frente e não viu o Pequeno Polegar, ficou assustado.

- Pequeno polegar caiu em pé por trás de Montanha. Viu seu braço a braçadeira azul a sua frente. De um só golpe a arrancou e saiu correndo por dentro da paliçada.

- Montanha não acreditava no que via. Estava abobalhado, nunca pensou que pudesse perder a vida assim. Morrera estupidamente sem saber o que aconteceu!

- Pequeno Polegar subiu na paliçada e gritou alto: **SÓ PODE HAVER UM!**

Epílogo.

Maior que a tristeza de não haver vencido é a vergonha de não ter lutado!

Rui Barbosa

Boa parte dos habitantes de Ribeirão Vermelho estava na praça da cidade naquele domingo. No palanque o Prefeito, o Juiz de Direito e várias autoridades. O Grupo Escoteiro Duque de Caxias vivia seu dia de glória. Estavam perfilados por patrulha em frente ao palanque. Atrás milhares de pessoas querendo o melhor lugar. Goiabada e Calango estavam formados com suas patrulhas. Sorriam baixinho. Uma sensação do dever cumprido. Agora eram outros seniores, aqueles incrédulos ficaram lá no passado. A história da Ilha foi desvendada faltava achar o local exato onde Ele O Coronel Lúcifer morava com seus Gaviões Negros. Ele não perde por esperar. Um dia tudo seria colocado às claras. Afinal eram seniores autênticos e o medo não faz parte desta casta. Chefe Nemo olhava aquele povaréu ali na praça. Não sabia quem os convidou. Seria uma cerimônia simples com a presença do Grupo Escoteiro e os pais. Ele iria fazer em uma apresentação solene a entrega de um prêmio especial a um Escoteiro e outro a todos que participaram de um grande jogo. O

prefeito se convidou e compareceu. Com ele vieram outros políticos. O cerimonial de bandeira ficou sobre a responsabilidade dos lobinhos. A seguir se cantou o hino nacional.

Chefe Nemo chamou o Pequeno Polegar a frente. Pediu a presença do senhor Elias Machado. Todos se assustaram. Goiabada e Calango levaram um susto. – O Coronel Lúcifer em carne e osso? De terno e gravata? Uai! Ele não gostava de andar de tanga? De onde apareceu aquele homem? Aos poucos sua história correu de boca em boca. Pedindo silêncio Chefe Nemo discursou:

- Meus senhores e senhoras da cidade, no final do mês de julho fizemos realizar um grande jogo noturno na Ilha do Gavião Negro. O sucesso foi maior que o esperado. Tenho certeza que todos já sabem o que aconteceu. 30 valentes Escoteiros lutaram até a morte em uma floresta escura e tenebrosa. Desculpem, morrer era perder uma braçadeira nos ombros. Sem exceção se portaram como homens. Merecem nosso aplauso. As palmas foram ensurdecedoras. O campeão para surpresa de todos foi o Jovem Antonio Pedrosa a quem todos chamam carinhosamente de Pequeno Polegar. A ele através do senhor Elias Machado peço que faça a entrega ao herói vencedor. Seu Elias fez a entrega e abraçou o jovem Antonio, ou melhor, o Pequeno Polegar. Discursou rápido. – Cidadãos de Ribeirão Vermelho é com grande orgulho que entrego esse Totem da Vitória ao meu neto... Ninguém entendeu. Senhor Elias repetiu. Sim ao meu neto. Ele é filho de Noêmia minha filha que Deus a tenha. Pequeno Polegar chorava e abraçou seu avô. – Meu neto, a partir de hoje vais morar comigo na fazenda leve sua avô com quem vive. De agora em diante a fazenda pertence a vocês! E antes de terminar, fiz uma doação da Ilha do Gavião Negro ao Grupo Escoteiro Duque de Caxias. Uma salva de palma ecoou por todos os cantos.

Chefe Nemo aproveitou para entregar a cada um o prêmio que havia prometido. Chamou pessoalmente pelo nome entregando uma moeda da boa ação novinha. Não era uma moeda qualquer. Era enorme, mais de duas e meia polegadas de diâmetro. De um lado o desenho de Baden Powell do outro escrito: - “fazer o bem sem olhar a quem – lembranças da Ilha do Gavião Negro”. Todas eram banhadas a ouro.

A história meu amigo termina aqui. Dizem por aí eu não posso confirmar que Amelinha a mulher do Chefe Nemo teve trigêmeos, dizem também que Dona Mary teve filhos gêmeos e também tem três filhos. Os dois chefes são tão amigos que sempre estão juntos com as esposas e a filharada. A rádio pião contou que Goiabada se formou em engenharia civil e foi trabalhar no estrangeiro para uma grande empresa. Quanto a Calango já advogado recebeu o convite de Goiabada para ir com ele e não pensou duas vezes. Muitos anos depois Professor assumiu a prefeitura. Foi eleito com 95% dos votos. Sinaleiro se casou e foi morar na Capital. Centeralfo me contaram se tornou um excelente craque de basquete e dizem que hoje joga em um time da NBA. (National Basketball Association). Corredor hoje é o Chefe do Grupo Escoteiro Duque de Caxias. E o Senhor Lúcifer e seus Gaviões Negros moram na ilha até hoje!

Histórias são assim. Melhor ainda com final feliz.

Sempre Alerta!

FIM

O autor e sua obra

Meu quarto livro. Estou pensando se escrevo o quinto. Risos. Não sei. O primeiro “A Patrulha da Esperança” publicado no início deste ano foi à primeira experiência nesta seara. Nunca escrevi um livro, se podemos chamar tão poucas folhas de livro. O segundo foi logo em seguida, As incríveis peripécias do Comissário Leocádio. Um homem iletrado que em uma época difícil foi galgado ao cargo de Comissário Regional. O meu terceiro livro foi mais além. Escrevi uma história triste, um Chefe que foi acusado injustamente como criminoso, esturador de crianças. O estranho funeral do Chefe Gafanhoto eu me dediquei demais. O Fantástico Jogo Noturno na misteriosa Ilha do Gavião Negro foi meu último livro. Saibam que me emocionei ao escrevê-lo. Afinal é uma história escrita de Escoteiro para Escoteiro e com um final feliz. Dizem que a fruta em árvore antiga é mais doce.

Escrevi e escrevo contos escoteiros e contos romanceados, aventureiros em outra linha. Nenhum dos meus escritos foi publicado a não ser em blogs que mantenho na internet. Sou escoteiro desde 1947 fui lobinho, Escoteiro, Sênior, Pioneiro e Escotista de vários Grupos Escoteiros, tive a oportunidade de vivenciar o escotismo simples quase parecido como faziam os rapazes da Inglaterra antes de Baden Powell (BP) surgir com a organização que se expandiu por todo o mundo. Atuei por muitos anos como dirigente de uma Região Escoteira, e como membro da Equipe de Adestramento Nacional.

Como já disse todos os livros e contos não foram editados. A saga de um pseudo-escritor no início não é fácil. Não se sabe se o retorno é convincente. Não é importante esta etapa, importante é o conhecimento em saber que centenas de amigos do movimento ou mesmo fora dele tomaram conhecimento dos meus escritos.

A todos vocês, o meu MUITO OBRIGADO!

Oswaldo Ferraz, ou melhor, Oswaldo um Escoteiro!

São Paulo, março de 2012.

E-mail. Eliso@terra.com.br

No face book podem me encontrar com o link – Oswaldo um Escoteiro